

cosmonucleação regenerativa e encantamento no manejo
de territórios tradicionais em pernambuco

as filhas da terra da serra dos paus dóias

segundo caderno



chã
2022



*Este caderno é dedicado às mestras e mestres de
saberes de cura da serra dos paus dóias*

PRIMEIRA PARTE

COSMONUCLEAÇÃO REGENERATIVA E ENCANTAMENTO NO MANEJO DE TERRITÓRIOS TRADICIONAIS EM PERNAMBUCO

APRESENTAÇÃO INSTITUCIONAL VIVER, SABER E ENCANTAR	09
O PROJETO TECER, FAZER E SABER	14
NOTA DAS EDITORAS ESCUTAS, COLHEITAS E PARTILHAS	21
INTERLÚDIO DESLOCAMENTOS E ENCANTAMENTOS: UM CONVITE À LEITURA	25

SEGUNDA PARTE

AS FILHAS DA TERRA DA SERRA DOS PAUS DÓIAS

AS FILHAS DA TERRA CORDÃO DE UMBIGO - RESISTÊNCIA E CONTINUIDADE	33
OS REMÉDIOS DO MATO E A CIENTÍFICA DO POPULAR	40
O PORTAL DA GRATIDÃO O CAMINHO DAS ÁGUAS TEM QUE SABER VER	49

HÁ SEMPRE UMA ÁRVORE QUE SOMOS NÓS - O CAMINHO DA VIDA	52
NOSSA MISSÃO É UMA FOMA DE BENZO, UMA FORMA DE ORAÇÃO	54
NÓS SOMOS UM POVO SÓ - BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE EXISTIR E RESISTIR	57
OUVIR É COMO REMÉDIO, A FALA É ORAÇÃO ONDE O CHÃO É LOCAL DE VIVÊNCIA E TRABALHO - NOTAS SOBRE A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO DE VIVÊNCIA	60
DEUS DÊ SAÚDE, DEUS DÊ AS GRAÇAS O GRANDE DO MUNDO É DEUS	65
REMÉDIO FORTE QUE A GENTE TEM CASA DE BOTÃO	69
LEVANTAR A BANDEIRA, FAZER A REZA EU CUIDO DO MEU TERREIRO	74
AS GRAÇAS DE DEUS ELE É QUEM SABE QUANDO VEM	75

ENSAIO FOTOGRÁFICO	76
--------------------	----

REFERÊNCIAS	144
-------------	-----

CRÉDITOS	147
----------	-----

primeira parte

cosmonucleação regenerativa e encantamento no manejo de territórios tradicionais em pernambuco



APRESENTAÇÃO INSTITUCIONAL

viver, saber e encantar

DRA LOUISA ACCIARI

*Coordenadora Global de Redes – GRRIPP
University College London*

O projeto GRRIPP (Resiliência Responsiva ao Gênero e Interseccionalidade na Política e na Prática), sediado na Universidade de Londres (UCL), tem por objetivo construir ou fortalecer redes entre acadêmicos, ativistas e gestores públicos, para repensar o gênero a partir dos saberes e experiências do dito ‘Sul’ global. Através de financiamento de projetos na América Latina, África e Ásia do Sul, buscamos encontrar e divulgar vozes, rostos e conhecimentos plurais que possam desafiar os quadros dominantes, colocando o gênero e a interseccionalidade no centro do debate.

O GRRIPP não trata apenas de iniciativas inovadoras de pesquisa e desenvolvimento, mas também propõe repensar métodos e formas de trabalho; estamos comprometidos em liderar o projeto de forma feminista e guiados por uma abordagem decolonial, ou seja, uma avaliação crítica das relações de poder entre e dentro dos países, comunidades e relações sociais em geral. Nossa estrutura de gestão é horizontal, e todos os parceiros do projeto seguem um código de conduta que garante um ambiente de trabalho aberto, justo e seguro. Com essa mudança de foco e métodos, esperamos poder contribuir para renovar a teoria e implementar melhores políticas e práticas nas áreas de redução de risco de desastres, ação de mudança climática e desenvolvimento, que sejam sensíveis ao gênero.

Nesse sentido, demos total autonomia aos nossos parceiros

na África, América Latina e sul da Ásia para decidirem suas linhas de ações e os tipos de projetos que queriam apoiar. O edital para a região América Latina e Caribe abriu em maio de 2021, com o tema “Gestão territorial, Gênero e Cuidado”, e foi coordenado pela equipe local, sediada na Pontificia Universidad Católica del Perú (PUCP). A interpretação das temáticas, assim como o tipo de atividades a serem realizadas, foi deixada a livre apreciação dos grupos interessados. O objetivo era aprender com eles, a partir de suas experiências e conhecimentos.

É nesse contexto que fomos apresentados com o projeto “Cosmonucleação Regenerativa e Encantamento no Manejo de Territórios Tradicionais em Pernambuco”, que reúne três comunidades em três territórios Pernambucanos em torno da questão do cuidado da terra, da alimentação e dos saberes ancestrais. A proposta nos encantou imediatamente, e usamos a propósito a palavra encantar, tão central a esse projeto. A partir de construções físicas, de cozinha, de uma casa de produção de remédios fitoelaborados e de uma casa de atendimentos e beneficiamento de alimentos e remédios, seriam potencializadas ações e reflexões em torno do Bem Viver, do cuidado com a terra e com os espíritos. Esse projeto traz formas ancestrais de viver, conhecer e se relacionar, absolutamente necessárias para repensar o mundo atual.

E quem diz cuidado, diz mulher e relações de gênero. São elas as principais detentoras dos conhecimentos de preparo dos alimentos e plantas de cura, assim como dos cuidados, cultivos e coletas. O projeto “Cosmonucleação Regenerativa” confirma a centralidade do que várias feministas chamaram de reprodução social, que são todas as atividades - visíveis e invisíveis - necessárias a reprodução do ser humano, tais como manutenção dos espaços, cozinha, cuidado com as pessoas. Historicamente, e através das mais variadas formas de sociedade, essas tarefas têm sido atribuídas às mulheres, e continuam sendo vistas como atividades femininas. A mulher, mãe e esposa, é quem que cuida dos outros. Tanto que no seu relato, Bella Xukuru, protagonista de destaque desse projeto, nos ensina: “Aqui no terreiro a gente é homem e mulher, até o marido vai cozinhar”. Ou seja, a cozinha é associado ao feminino.

Um papel predeterminado de gênero, mas também a fonte da sabedoria e do lugar social imprescindível da mulher. Ela detém uns dos conhecimentos mais essenciais para a reprodução da sua comunidade: a alimentação.

A partir daí, entendemos a importância dos espaços físicos que foram construídos com o recurso do GRRIPP, essas estruturas permitem relações, conexões, trabalhos espirituais e de cuidados. Uma ligação entre o material e o imaterial. Entre a Natureza e o ser humano. Nos relatos aqui transcritos, a Natureza aparece em vários momentos como protagonista, acima de todos, mãe-terra, fonte de sabedoria e de vida. Salienta-se a importância de cuidar de suas raízes, como ser humano e como povo, e de plantar sementes... é isso que esperamos ter alcançado com esse projeto, um início, uma semente que ainda vai render muitos frutos e muitos sonhos.

Às vezes parece que no atual contexto de crise permanente, destruição e morte, sonhar se tornou um luxo. Mas o projeto “Cosmonucleação Regenerativa” nos fez sonhar. Nos fez imaginar outras formas de viver, saber e sentir. Seria possível levar algumas dessas sementes de volta para os centros urbanos e para o ‘Norte’ global? Reencantar nossos cotidianos pautados pelo neoliberalismo e a competição permanente entre os seres humanos? Imaginar que o papel tão importante de cuidadoras desempenhado pelas mulheres seja fonte de sua força e não de sua exploração?

Num momento em que palavra ‘sustentável’ se tornou pauta incontornável em qualquer discussão sobre desenvolvimento, ouvir as vozes dos povos tradicionais é essencial. A crise pandêmica da Covid-19 mostrou os limites do modelo atual de desenvolvimento, que levaram à crise dos cuidados, da saúde e da alimentação, destruindo o meio ambiente e amplificando as desigualdades raciais, sociais e de gênero. Enquanto isso, comunidades indígenas e afrodescendentes, como as desse projeto, estão lutando há mais de 500 anos para poder existir e manter formas de vida, que são, elas, realmente sustentáveis. São comunidades que sabem ouvir a natureza e viver de acordo com a terra. Uma parte da solução para os desafios globais que estamos enfrentando, sem dúvida, se encontra aqui.

O projeto exposto nesse caderno traz uma lição de saber viver e saber produzir. Nas comunidades aqui apresentadas, a preservação do meio ambiente está no centro de qualquer atividade. As mulheres sábias conhecem as plantas para curar o corpo e a alma. As cozinheiras usam alimentos saudáveis e produzidos localmente. O cultivo de plantas nativas da região favorece a biodiversidade e a segurança alimentar. Comer bem, alimentos de qualidade e com prazer, é um direito nosso. Ser cuidado e cuidar dos outros, é um ato de resistência. Ouvir a Natureza e seus espíritos é necessário à nossa sobrevivência.

O PROJETO

tecer, fazer e saber

MARÍLIA NEPOMUCENO PINHEIRO

Responsável técnica pelo projeto Cosmonucleação Regenerativa e Encantamento no Manejo de Territórios Tradicionais em Pernambuco. Mestranda em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco.

Em meio a um grande cenário global de emergências, entre Outubro de 2021 a Março de 2022, construímos no chamado “Sul” do mundo, ou melhor, “Sul do sul do sul do mundo”, dentro dos territórios rurais e tradicionais de Pernambuco - Estado Nordeste do país Brasil - situado na América Latina, grandes construções físicas e subjetivas dentro do espectro do projeto fomentado pela rede GRRIPP intitulado de Cosmonucleação Regenerativa e Encantamento no Manejo de Territórios Tradicionais em Pernambuco.

Um dos grandes focos de nossas ações no projeto foi dar vida as três obras do que podemos chamar de construções de uma arquitetura para o cuidado. Seja o cuidado do corpo físico ou subjetivo que nos faz vivos em nossas comunidades, que foi potencializado com as construções; ou o cuidado que foi pautado em múltiplas dimensões: no método, técnica e material usado nas construções, feitos a partir do ambiente local; seja no manejo e partilhas dos saberes advindos de cada território; ou seja nos usos dos espaços construídos que servirão para atividades e ações de acolhimento, debates, atendimentos em saúde comunitária e curas. Essas construções são: uma Cozinha Ritual Xukuru (Território Indígena Xukuru, na Aldeia do Caxo da Boa Vista), uma Casa de

Atendimento e Produção de Remédios Fitoelaborados (Zona da Mata Norte de Pernambuco, no Sítio Malokambo, situado na cidade de Tracunhaém) e uma Casa de Vivências, Atendimentos, Benzos, Curas e Beneficiamento de Alimentos e Remédios (Serra dos Paus Dóias, Sertão e Chapada do Araripe, situada na cidade de Exu).

Além destas três construções físicas, o projeto GRRIPP Cosmonucleação Regenerativa e Encantamento proporcionou momentos de vivências e oficinas presenciais com troca de saberes de enorme importância. Durante o processo imersivo e de execução do projeto tratamos de uma infinidade de temas e questões que atravessam e unem os três territórios fortalecidos pelo projeto. Entre todas as nossas ações, foi possível vivenciar os saberes locais e as concepções específicas de cada território junto às reflexões sobre o que no mundo global é nomeado interseccionalidade e perspectivas não-coloniais, contra-coloniais ou decoloniais, enquanto manejávamos informações, indicadores sociais complexos, narrativas, ações e materiais transdimensionais envolvendo as realidades econômicas, ambientais e sociais articuladas com as desigualdades de raça, classe e gênero que estruturam as comunidades deste projeto no estado de Pernambuco.

Além disso, foi possível entender a necessidade das construções como ponto físico de apoio, segurança e acolhimento para as mulheres protagonistas da comunidade poderem manejar suas sabedorias e fazeres de cuidado e cura, e, por conseguinte, sua comunidade também; Foi possível evidenciar as confluências entre os saberes e fazeres de cuidado e bem viver praticados por comunidades indígenas, negras e rurais do Estado de Pernambuco; Foi possível identificar, conhecer, e narrar sobre as plantas poderosas de cada um dos territórios, entendendo seus usos e potencialidades de cura tanto no universo dos alimentos, da cozinha, como no universo da produção de remédios fitoelaborados; Foi possível perceber a necessidade de fortalecimento, visibilização e escancarada sabedoria das mulheres produtoras e agriculturas de subsistência do mundo, que são também tecelãs de nossas memórias enquanto povo e comunidade; Além de perceber o diálogo e a passagem do conhecimento popular e tradicional no manejo de todas as

dimensões da vida cotidiana, desde técnicas de construção de casas à técnicas de percepção do mundo e da relação com o outro, entre plantas, animais, humanos, famílias e gerações.

Todo este processo foi inicialmente organizado com ênfase para os momentos de escuta e troca de saberes sobre as experiências vividas no projeto. Cada coordenadora territorial reuniu pessoas importantes de seu entorno, detentores/as de saberes e práticas populares e tradicionais de cuidado e cura, para partilhar sobre os seus modos de vida, suas práticas em torno do alimento, da comida, das plantas sagradas, das rezas e das curas. Em meio às ações instaurou-se a percepção acentuada da demanda por registro daqueles saberes pautados coletivamente, e mantidos pela oralidade. Foi então que uma equipe editorial já integrada ao projeto foi estabelecida e ficou com a tarefa e responsabilidade de condensar dentro de uma publicação escrita um pouco do que foi vivenciado no projeto como um todo. A posteriori, a equipe responsável pela construção do material editorial do projeto reuniu materiais advindos de cada território e comunidade, em interlocução com as atividades de execução das construções, muito atentas à potencialidade e diversidade de saberes das pessoas que estavam presentes nas atividades do projeto. Nestes momentos foram vivenciadas oficinas de técnicas de bioconstrução, oficina de feitiço de tijolos tradicionais, oficinas de produção de remédios fitoelaborados, oficinas de construção de tecnologia social de re-uso de águas, construção de ferramentas para captação de águas das chuvas, plantio de mudas e oficinas de destilação de óleos e hidrolatos vegetais, por exemplo.

Para cada uma dessas construções e imersões, fomentadas pelo GRRIPP, desenvolvemos ilustrações, mapas lúdicos, compartilhamos receitas e registramos momentos através de fotografias que podem ser vistas ao longo desta publicação dividida em três cadernos.

Por fim, para dar conta da magnitude do vivido neste projeto, diante das imersões e construções nos três territórios enfocados pela Cosmonucleação Regenerativa e Encantamento, podemos perceber e potencializar o contínuo Reencantamento do Mundo. Muito próximo ao que Silvia Federici (2022) em sua obra “Reencantando o

Mundo: Feminismo e a Política dos Comuns” aponta sobre a vida e a política dos comuns, já que, afinal de contas, nosso território é um profundo poço de saberes vivos entre nossos Brasis, como bem nos diz estas mulheres e projeto.

Alargando os nossos horizontes e nos convidando a perceber as agricultoras da subsistência do mundo, ou as tecelãs da memória, somos todas convidadas a olhar, ou nos reencantar, para a política do que no Brasil chamamos de povo, a política da comunidade, e os saberes e fazeres que detém as mulheres e os comuns em cada um dos territórios cosmonucleados e em regeneração que protagonizam este projeto.

Olhar, pensar, ouvir, conversar ou (en)cantar em coro, ou em coletivo, sobre as estratégias que devemos nos munir, não para remontar o passado e sim para reencantar e reconstruir o futuro, desemboca na mola propulsora que tece esta publicação e seu desejo de salvaguardar nossos saberes e práticas tradicionais de cura e cuidado, entre nós e o ambiente, enquanto estratégia de reencantamento coletivo do mundo. E assim torna-se ferramenta poderosa da ciência de um poço coletivo, popular e profundo, como conta Maria Silvanete Lermen:

“Eu sempre digo que quem faz a nossa história somos nós, desde que a gente conte, que a gente registre. Nós precisamos registrar isso. Por isso que eu estou aqui, agradecendo a vocês por estarem nesse espaço socializando. E aqui são os meninos e as meninas que vão estar nos ajudando a fazer esse relato. Na verdade, nós vamos contando pra elas, e elas vão escrevendo, já que a gente não tem essa habilidade tão boa de escrever com uma facilidade maior. Então, eu gostaria que cada uma de vocês dissesse o nome, quantos filhos tem e se pudesse quantos anos mora aqui, então isso é muito interessante para elas poderem saber que somos filhas daqui mesmo.

Porque falar dos Paus Dóias (comunidade da Serra dos Paus Dóias) é dizer que aqui nós temos um berço de saberes ancestrais muito profundo, que muitas vezes nós que estamos aqui nem nos tocamos que temos isso, e é tão profundo, tão histórico, e é o que faz a nossa resistência e nossa continuidade.” (Maria Silvanete, em conversa coletiva junto a sua comunidade da Serra dos Paus Dóias, em Novembro de 2021.)

Este trecho, narrado por Maria Silvanete Lermen, uma das coordenadoras territoriais do projeto, agricultora, benzedeira, mezinheira, e orientadora em saúde comunitária da Serra dos Paus Dóias - povoado no alto da Chapada do Araripe, no município de Exu, Sertão do Araripe Pernambucano -, evidencia a consciência e pertença ao campo sócio-biodiverso em que estão inseridas antigas e novas sabedorias de cura entre as protagonistas deste projeto. Sua região, a Chapada do Araripe, muito pouco conhecida entre os brasileiros de maneira geral, é um santuário vivo para seres humanos e não humanos, e guarda e compartilha até os dias de hoje uma infinidade de sabedorias para o manejo de uma vida em confluente regeneração junto ao ambiente, como bem narram suas moradoras, experiências e histórias com a terra e com a vida. Pois o que somos nós, humanos e não humanos, senão a própria Natureza?

Diante de uma reunião de escancarada força e sabedoria, e da necessidade de realização por parte das protagonistas dos territórios de fortalecer seus ofícios e saberes, conseguimos perceber o que a filósofa Vinciane Despret APUD Deborah Rose (2016) aponta sobre estarmos mergulhados e, cada vez mais, conscientes de que estamos sim em tempos de extinção. No entanto, em meio a este cenário, mulheres, povos indígenas, quilombolas e negros, comunidades rurais, e a periferia da periferia do que se chama de “Sul” global têm tecido teias e maneiras de subsistências sábias para solucionar problemas de nosso mundo. A publicação e os demais resultados deste projeto são atestado disso, por evidenciar como estamos implicados e aptos a fomentar e criar outras histórias (de não-extinção) para nos ensinar a mudar nossa relação com o mundo, tornando-o menos violento, menos mecânico e menos dominador. E assim potencializarmos o entendimento de uma Cosmoecologia, uma Ecologia da Atenção, do Tato e da Preocupação, que irradia se Cosmonucleando em territórios e comunidades próximas, e reencanta mundos e vidas em sua pedagogia da experiência cotidiana.

O projeto Cosmonucleação Regenerativa e Encantamento figura portanto como fio largo e forte, bastante significativo, nesta teia de experiências e entrelaçamentos de novos e antigos esforços,

junto às narrativas e experiências de vida que inspiram mudanças de rumos coletivos entre seres humanos e não humanos, com raízes fincadas a partir das mulheres do Sertão, Agreste e Zona da Mata Pernambucana, em territórios periféricos, nordestinos, brasileiros, e ao Sul global, por excelência.

O material desta publicação, por sua vez, que têm autoria coletiva entre os três territórios e pessoas envolvidas no projeto, é fruto de uma observação permeada por afetos e laços, e se dá através de uma colaboração desempenhada com prazer e zelo durante meses, através do qual compartilhamos com o mundo a oportunidade de observar, aprender, ouvir, viver e se encantar com universos e sabedorias desses territórios de Pernambuco. Com o objetivo de produzir conhecimento com uma co-intencionalidade como propõe a antropóloga colombiana Diana Gómez, em que as atividades, ações e questões debatidas na execução do projeto são percebidas coletivamente por determinarem a vida das pessoas e comunidades. E perceber que as premissas que foram levadas em consideração durante todo o processo partiram do impulso de aproximar universos que jamais deveriam ser antagônicos, como o da teoria e prática ou academia e movimentos sociais, além de criar conhecimentos para o luto e para o cuidado e cura, sobretudo se tratando de um contexto territorial e social permeados por diversas violências como é a América Latina, é que esse projeto nos dá, portanto, mais oportunidades para aprender com o mundo e não sobre o mundo.

A interação advinda da Cosmonucleação Regenerativa e Encantamento no Manejo de Territórios Tradicionais e Pernambuco, fomentado pela REDE GRRIPP, (re)cria e fortalece laços entre as protagonistas e sabedoras dos três territórios enfocados nas ações, proporciona visibilidade a seus ofícios, aos territórios, comunidades, aos biomas e regiões em que estão inseridas (Zona da Mata Norte, Agreste e Sertão Pernambucano), além de ser capaz de produzir uma memória coletiva para si, para a região, estado e país, sobre quem são e o que fazem.

escutas, colheitas e partilhas

MARÍLIA NEPOMUCENO, ANA CARVALHO, FABRÍCIO BRUGNAGO,
GIUSEPPE BANDEIRA E MARIANA SOBRAL

Escuta atenta e partilha foram a estrutura, ponto de partida e os princípios metodológicos que nortearam o mergulho pelas profundas águas dos fazeres e saberes entre os territórios que conformam o projeto “Cosmonucleação Regenerativa e Encantamento”. A partir do impulso do amplo coletivo que integra esta iniciativa de registrar e fazer longo o alcance e conhecimentos sobre as práticas, experiências, modos de vida, narrativas e conhecimentos salvaguardados pelos povos e comunidades da Zona da Mata Norte, Agreste e Sertão Pernambucanos, que coexistem com a natureza, com seus seres visíveis e invisíveis; e, a partir de suas práticas populares e cotidianas, regeneram, reflorestam a vida e promovem a cura dos seus territórios, que essa publicação se fez.

Entre afluentes, nascentes, enchentes e correntezas e, do encontro das águas de histórias de três comunidades em Pernambuco, entendemos a responsabilidade e a grata tarefa de contar, sem intencionar colocar filtros na narrativa das protagonistas deste projeto, que agora também é uma publicação que une três cadernos e muitas seções. Os cadernos aqui dispostos nesta publicação são histórias contadas a partir das vozes das protagonistas e detentoras de saberes e práticas populares e tradicionais de cuidado entre seus territórios, que compartilharam entre si e conosco suas histórias do fazer viver em seus mundos e comunidades. De suas relações

com a comunidade e suas práticas de cuidado e saúde, da semente à mesa, das receitas, da comida e alimento como cura, do poder das cozinhas e dos quintais. Histórias que se entrelaçam por serem protagonizadas, em sua maioria, por mulheres que promovem sem que ainda assim nomeiem dessa maneira, autonomia e soberania em territórios rurais e tradicionais, pretos e indígenas do Brasil (e América Latina), reiteradamente ameaçados por enormes violências sociais, políticas e ambientais, diante dessa grande crise sanitária e civilizatória em que atravessamos.

Desta publicação também reafirmamos o compromisso de anunciar sobre o encantamento, mas também os enfrentamentos que nos contam esses povos e comunidades, entre encontros, cotidianos, construções, oficinas, estradas, áudios, transcrições, relatórios, fotografias e prazos, relações, afetações, sentidos, cores, linhas e fios se encontram para tecer essas páginas e nos contar sobre a urgência de (re)escrever sobre um futuro ancestral, que ao pautar o que há de potente no hoje e no ontem nos ajuda a inaugurar o amanhã. Além de tudo, não há atravessamento maior disposto nestas páginas senão a grande evidência da importância e da necessidade de cuidarmos da memória ativa e em plenos pulmões que carregam as sementes de nossos povos, seja a semente vegetal ou a semente-povo, como elucidada tão bem Iran Ordônio Neves, indígena do povo Xukuru do Ororubá (PE) e coordenador territorial do projeto em conversa coletiva durante vivência imersiva: “tem essa concepção de semente-povo que precisa germinar que vai ser plantado, e tem a semente vegetal que tem saber, tem conhecimento. Vamos juntar os dois”.

No cenário da atual crise climática e ambiental enfrentada pelo planeta, e da urgência de refletirmos sobre as ameaças do modelo de produção de alimentos, das monoculturas do agronegócio e seus pacotes de veneno - agrotóxicos – estes três cadernos surgem com grandes intenções de valorização dos conhecimentos e dos saberes sobre as plantas, as agriculturas, a comida e o alimento como cura, além do manejo dos agroecossistemas em consonância com o Bem Viver e o Bom Comer. Desde a sutileza da dança e das práticas de afeto dos seres vivos que estreitam e tecem laços com a natureza para construção de novas paisagens.

O primeiro caderno “A Ciência da Mata Xukuru” registra e revela sobre a ciência e as práticas de encantamento, dos seres encantados do povo indígena Xukuru do Ororubá (PE); o segundo caderno “As Filhas da Terra da Serra dos Paus Dóias” nos conta a história de quatro gerações de famílias que se interseccionam, mulheres que protagonizam e promovem saúde a partir da ciência dos remédios do mato e do benzo, mulheres detentoras de saberes do alto da Chapada do Araripe (PE) e; por fim, o terceiro caderno “Saberes das mãos: parteiras, plantas, capoeiras”, do Sítio Malokambo, registra-se os saberes das mulheres que cuidam, se remediam e acolhem em Tracunhaém (PE).

É, portanto, com grande alegria que propomos que essa publicação nos chegue com a mesma intensidade da força que carrega uma semente, que germina o novo trazendo consigo toda a sua herança ancestral, como nos relembra Helena Tenderini, mulher negra e coordenadora territorial de nosso projeto em Tracunhaém:

“Acreditamos que quem chega é quem já foi, então uma criança é um ancestral, né? Então todo nascimento é isso, é a cobra que morde o rabo porque é um ser antigo que tá chegando, só que ele é novo. Então, ao mesmo tempo que ele é novo, ele é antigo, ao mesmo tempo que é antigo é novo.” Helena Tenderini em conversa coletiva junto a sua comunidade no Sítio Malokambo, em Março de 2022.

deslocamentos e encantamentos: um convite à leitura

VÂNIA FIALHO

Antropóloga; Coordenadora do Núcleo de Pernambuco do Projeto Nova Cartografia Social; Professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco.

Entre Encantados e encantamentos, estamos diante de um conjunto de narrativas que deslocam o nosso lugar e nosso olhar sobre o mundo. Como nos comunicamos aqui através da língua portuguesa, inicio com uma provocação, considerando que o des-locar tem importância fulcral nesse nosso entrevero.

Vou assumir esse atrevimento e solicitar que a leitura deste texto seja realizada de forma deslocada no intuito de retirar cada leitor ou leitora de seu lugar comum. Intercalarei os parágrafos que escrevi com a poesia de Graça Graúna¹, escritora indígena Potiguara do Rio Grande do Norte, posicionando-a na margem direita do texto. Advirto que a relação entre os dois textos não é linear, mas compõem o jogo de palavras que desconcerta o porvir, assim como o conteúdo das três publicações resultantes do projeto Cosmonucleação Regenerativa e Encantamento no Manejo de Territórios Tradicionais em Pernambuco, realizado através da rede

1. GRAÚNA, Graça. Flora da Mata. Belo Horizonte: Penninha Edições, 2014.

GRRIPP - Resiliência Responsiva ao Gênero e Interseccionalidade em Políticas e Práticas.

*Entre o sono e a vigília
O canto da cigarra
Inunda o Sertão*

Estamos diante de um grande aprendizado. Algo que marca toda ação subversiva e insurgente, capaz de apontar o Sul como norte: o senso de coletividade. Algo somente possível pelo envolvimento e generosidade dos povos e comunidades tradicionais implicados neste projeto, cujos conhecimentos foram organizados de forma cuidadosa e muito sensível.

*Braços para o infinito
O espantinho subverte
A ferocidade do mundo*

Transformar a ordem vigente e afirmar o sentido de coletividade é o que nos propõem os três cadernos dessa empreitada que articulam saberes de regiões geograficamente diferentes do estado de Pernambuco e de experiências vividas em três contextos sociais distintos, indicando a potência dos saberes locais e a radicalidade das experiências de produção simbólica e de atribuição de sentido ao mundo.

*Água, terra, fogo e ar:
Labirintos do ser
Em todos os tempos*

Os cadernos constituem as três possibilidades de percebermos que o conhecimento se estrutura por experiências vividas, compostas por processos intensos de implicação nos movimentos que a própria vida apresenta. A observação dos ciclos vitais, das permanências e mudanças e a sua conexão com diferentes dimensões presentes na compreensão de mundo se mostram latentes e nos desconcertam com o desencantamento que permeia nosso cotidiano marcado pela força do capital e sua imperiosa razão.

*Uns cavaleiros sonham
Mas só sonham só
Com a mais-valia*

Mas há a possibilidade de subverter. Tomar a vida como como um evento que acontece de dentro de tudo, o tempo todo, como Ailton Krenak escreve em sua carta para quem quer cantar e dançar para o céu², e possibilita apostar em novos movimentos de contração e expansão.

*Apesar dos pesares
Resta-nos sonhar
A Mãe Terra nos anima*

Essa mudança de ângulo de visão, de posição, de transposição da lógica dominante, é possível com os ensinamentos que vêm dos cuidadores e cuidadoras, benzedoras e benzedores, raizeiros e raizeiras, parteiras e cientistas da vida vivida. Os Truká, povo indígena do Sertão de Pernambuco, costumam falar de suas práticas rituais religiosas como sua cienciazinha. A despeito de toda discussão que essa afirmação possa promover, estamos diante de quem faz ciência da vida vivida, com cheiro, gosto, textura e cor.

*Dançar o toré
Perto da gameleira
Entre os Encantados*

O percurso que tenho palmilhado é o antropológico, alimentado pela experiência etnográfica que possibilita o descentramento e o encantamento pelas lógicas de outrem. É com a complexa ideia de cultura, que foi tomada desde os primórdios da empreitada antropológica pelo mundo dos outros, que se firmam as experiências compartilhadas nesses três volumes. Essa mesma ideia deve ser tomada como “chave de compreensão do mundo, sem a qual cada um teria a impressão de estar submerso em um caos angustiante”, como

2. KRENAK, Ailton. Carta para quem quer cantar e dançar para o céu. In: COSTA, Suzane Lima; XUKURU-KARIRI, Rafael. Cartas para o bem viver. Salvador: Boto-cor-de-rosa livros arte e café/paraLeLo13, 2020, p.20-22.

diz o filósofo búlgaro Tzvetan Todorov³. Ela, a cultura, em todas as suas dimensões e grandezas, serve de vínculo à comunidade que a compartilha e permite que seus membros se comuniquem entre si. É também a partir dos laços que sustentam essa coletividade e que lhes dão sentido que passamos a adentrar na sabedoria desses povos.

*Velho pote de barro
Um colar noturno,
Cheiro de terra molhada*

Os ciclos da vida pulsante são inspiradores. Joseane Mautê Sousa, professora de literatura que estuda narrativas contemporâneas, numa outra carta que compõe o livro *Cartas para o Bem viver*, escreve ao tempo, e faz também referência à forma cíclica que vive a natureza e a importância de percepção do tempo associando à ideia do Bem Viver. Diz ela:

O que é o BemViver senão a capacidade de torná-lo potência, de sentir, de experienciar, de escutar e de viver a Natureza, a de dentro e a de fora, em equilíbrio? Há Tempo? Há, tempo? Nosso modelo de vida atual invade a existência, apressa o passo, devora o tempo, consome rápido, tudo descarta, nada reaproveita, rejeita o velho, oprime o diverso.⁴

Eis a insurgência e a potência desse projeto: desestabilizar a ordem vigente, potencializar outras lógicas, reconhecer a consistência e a profundidade dos conhecimentos locais compartilhados, compreender os territórios como territórios de vida. É a aposta na arquitetura do cuidado expressa na recomposição da Casa de Vivência e Cura, no território afroindígena Serra dos Paus Dóias,

3. TODOROV, Tzvetan. O medo dos bárbaros, para além do choque das civilizações. Petrópolis: Vozes, 2010.

4. SOUZA, Joseane Maytê. Carta para o tempo. In: COSTA, Suzane Lima; XUKURU-KARIRI, Rafael. *Cartas para o bem viver*. Salvador: Boto-cor-de-rosa livros arte e café/paraLeLo13, 2020, p.200-204.

na Chapada do Araripe; a potencialização da Cozinha Ritual Tradicional Xukuru, na serra do Ororubá, Agreste do estado; e a reestruturação do Laboratório de Fitoelaborados no Território Cabôco da Zona da Mata Norte, em Tracunhaém. Todas as três iniciativas destacam noções que aqui se coadunam com uma outra forma de ver o mundo e enunciam de maneira forte e contundente princípios vinculados à ciência da mata, à filiação às serras e ao partear nas capoeiras.

Encantadora leitura!

*Utopia é cantar
Uma trajetória possível
Pindorama*



segunda parte

as filhas da terra da serra dos paus dóias

AS FILHAS DA TERRA DA SERRA DOS PAUS DÓIAS

as filhas da terra

roda de conversa entre Maria Silvanete Lermen e mulheres mestras de saberes e aprendizes da Serra dos Paus Dóias, realizada durante a execução do projeto COSMONUCLEAÇÃO REGENERATIVA E ENCANTAMENTO, 2021-2022.

CORDÃO DO UMBIGO - RESISTÊNCIA E CONTINUIDADE

Quem faz a nossa história somos nós, desde que a gente conte, que a gente registre.

[Maria Silvanete] Eu sempre digo que quem faz a nossa história somos nós, desde que a gente conte, que a gente registre. Nós precisamos registrar. Por isso eu estou aqui, agradecendo a vocês por estarem nesse espaço, socializando. E aqui são os meninos e as meninas que vão estar nos ajudando a fazer este relato. Na verdade, nós vamos contando pra elas, e elas vão escrevendo, já que a gente não tem essa habilidade tão boa de escrever. Então, eu gostaria que cada uma de vocês dissesse o nome, quantos filhos tem e, se pudesse, há quantos anos mora aqui. Isso é muito interessante para elas poderem saber que somos filhas daqui mesmo.

Falar dos Paus Dóias é dizer que aqui nós temos um berço de saberes ancestrais muito profundo, que muitas vezes nós, que estamos aqui, nem nos tocamos que temos isso tão profundo, tão histórico. É o que faz a nossa resistência e nossa continuidade.

Quando a gente fala que os Paus Dóias tem uma efervescência histórica, ancestral, de pertença da mata, da terra, tem tudo isso. Quando você busca essa história você vivencia isso. Estar aqui no meio desse pessoal é você sentir essas histórias. Isso é bem forte.

[Maria Ferreira Gonçalves] Meu nome é Maria Ferreira Gonçalves. Tive bem pouquinho filho, só foi treze. Me criei aqui, perto desse lugar, e tá com quarenta e cinco anos que vim pr'aqui. Criei minha família toda aqui. Hoje tá todo mundo aí no meio do mundo, mas tem outros que ficaram aqui mais a gente. Criei esses filhos tudinho.

Eu nunca consultei um filho meu, era tudo remédio do mato que eu sempre dava aos meus filhos. Às vezes, minha mãe falava pro agente de saúde lá do sertão, ela dizia: “não! não acredito não”. Depois, eu nunca levei filho meu pra receita, não! Criei tudo com remédio do mato. Agora, já hoje, eu não tenho coragem pra ver meus netos doentes, eu mando empurrar logo pro médico. Mas eu mesmo criei os meus com remédio do mato.

[Carlos] Eu tenho vinte e quatro anos. Fui criado a quinze quilômetros de distância daqui, pela minha vó paterna, que faleceu em dois mil e dezoito. Então eu vim morar aqui na comunidade. Eu conheci Silvanete, Vilmar, a família, a experiência agroflorestal, essa experiência de reforço da cultura medicinal ancestral, que o pessoal sempre fazia. Minha vó fez muito comigo, era muito raro eu ir pro hospital. Teve três vezes que eu fui pro hospital, duas foi pra fazer inalação - asma - nenhum remédio dava mais de conta, aí partiu pro hospital. As outras foram as dores de cabeça que eu senti muito forte. Essas foram as três únicas vezes que eu me lembro que fui pro hospital, o restante era chá, era lambedor, era xarope, era banho, banhos de planta, de raiz, de casca... Minha vó paterna, ela rezava, também benzia criança, geralmente criança pequena. Você machucava, ela rezava.

[Maria de Souza Benedito] Eu sou Maria de Souza Benedito, tenho setenta e quatro anos, sou mãe de Silvanete. Nasci e me criei por aqui. Não foi bem nessa terra, mas foi outra aí por detrás, na Serra da Matinha. Terminei caminhando aqui por redor, por Exu.

Pisei por lá e hoje estou aqui. Então aqui foi um lugar muito bom, que a gente se enraizou. Deu pra acabar de criar os filhos e a gente vai levando a vida, não é mesmo? Então, como diz o dizer do outro, a história do remédio é muito significativa, porque eu tive bem pouquinho filho, só foi doze. Esses doze deram muito trabalho, mas mesmo assim os remédios do mato ajudaram muito. Tinha um que se dava muito com lambedor de malva do reino. Como diz o dizer do outro: foi muito bom! Então, foi com ajuda das coisas do mato. Foi com sofrimento também, porque naquele tempo a gente sofria mais do que hoje e aí tinha que se valer era das raízes, era das coisas do mato, era de fruta do mato, era dessas coisas. Agradeço muito a deus e a Nossa Senhora por tudo isso.

[Maria Silvanete] Mãe vem de uma turma de gente que eu chamo de cordão do umbigo, cordão umbilical. Que vem lá de muito antes, lá da sua bisavó e vem puxando tudo isso. Todos eles eram curadores, todos eles eram benzedeiros, todos eles faziam esse processo de cura. E essas mulheres vão dando continuidade. Então vizinha... vizinha fazia muito um trabalho de equilíbrio familiar. Era tão forte que, quando tinha problema com a gurizada, as mães vinham e chamavam ela pra fazer a correção. Então, mãe chega com esse mesmo equilíbrio. Quando você percebe que ela vai pra casa fazer o benzo, percebe que ela traz isso da mãe dela, sabe? Isso é interessante, a gente compreender o que é que nós trazemos enquanto saberes, enquanto talento. Mas é necessário nós despertarmos pra isso, porque muitas vezes a gente tá ali e alguém veio e nos sufocou, e disse que aquilo era errado. É quando se diz: “eu não pratico”... Muitas vezes, quando eu me apresento, não digo que sou cuidadora, porque também já fui muito sufocada.

[Josiane/Diana] Meu nome é Josiane, tenho trinta e dois anos e três filhos, treze anos de casada, e pra mim a raiz é muito importante.

[Lucélia] Meu nome é Lucélia, tenho trinta e um anos, tenho três filhos. Quando eles adoecem, sempre levo no médico, mas sempre faço um chazinho. Mãe ensina, minha vó ensinou. Sempre dou. Quando levo alguém pra benzer, sempre faço e serve, não é mesmo?

[Mariani] Meu nome é Mariani, tenho quarenta e dois anos.

Nasci e me criei aqui na Serra. Tenho oito filhos. Tem que agradecer muito a Silvanete e a Seu Paulo, que veio pra cá, porque de primeiro não tinha cisterna aqui e eles chegaram e batalharam por cisterna. Só tinha um barreiro ali na perua. Quando o cabra ia pegar água, olha lá o cururuzão que tava lá: grande, todo podre, cheio de bicho. O cabra olhava assim... a situação ruim. O pai de Maiara, uma vez, mais o esposo dela, que iam buscar água: “tem um cururuzão, e agora, o que nós vamos fazer? Nós vamos beber, porque não tem outra, nós temos que beber essa água daí mesmo”. Então nós temos que agradecer a Dona Maria, e Seu Paulo, que correu muito atrás dessas cisternas. Depois veio Silvanete pra correr atrás das energias, veio umas pessoas de fora. O povo pr’ali trancou as portas. Acho que pensava que iam carregar o povo dos Paus Dóias. Minha mãe disse: “pode vir pra cá toda hora! Pode vir!” A gente deve agradecer ao Seu Paulo e a Silvanete, e Vilmar que toda semana tava lá cutucando que queria nossa energia.

O povo não acreditava assim muito, porque desde que eu era pequenininha, o povo vinha aqui de quatro em quatro anos: era prefeito, era deputado! Assim, doido por voto! Enganava minha vó, só a promessa. Eu fui criada pela minha vó: “quem enricou com promessa foi São Francisco, não vem não, mãe!” E ela: “vem minha filha!” E eu fui crescendo e crescendo e crescendo e nunca dessa energia chegar, e eu acho que se Silvanete não tivesse vindo pra cá, nós ainda tava no escuro, ainda tava na luz do vaga-lume. Vilmar só incentivando, incentivando! Até que graças a Deus chegou, mas se não fosse por eles, nós nem tinha cisterna ainda na Serra, nem energia. Nós temos que agradecer a Deus e a eles.

[Maria de Jesus] Eu sou Maria de Jesus, vou completar setenta e três anos. Nasci e me criei aqui nesse pedacinho de chão. Me sinto muito feliz e com muito orgulho. Gosto bastante daqui. Não tem lugar pra eu me embelezar pra eu ir-me embora daqui. Só tem um lugar ali, que é a nossa morada. Só vou lá quando Deus me chamar, mas ninguém me ilude pra ir pra outro lugar. Bom é aqui, que é onde eu moro e nasci e me criei e vivo aqui até o dia que Deus quiser. Me sinto muito feliz aqui, graças a Deus! E agradeço também, a mesma palavra já dita, eu também não posso mais nem repetir, porque já

foi dita. A gente sofreu muito aqui, aqui era muito difícil. Quando dava uma chuvinha, era todo mundo com uma cumбуquinha, uns caquinhos botando na biqueira pra poder juntar água. Ou então nas poças, nas rodagens, juntando água do poço pra beber. Porque pra gente buscar, ia buscar na Taboca, saía daqui de madrugada com umas carguinhas no jumento. Subi numas serras que nem mocó. Muitas vezes, a gente ia ajudar o jumento a subir, o jumento caía. Só não matava a gente porque Deus é pai, mas ele afundava um terço de uma anca, pai agarrava uma só, amarrava no meio da cangaia. Saía daqui de madrugada, umas três horas da madrugada. Quando o sol vinha raiando, a gente vinha chegando aqui em Zé Reinaldo, e toda semana ia duas vezes pra Taboca lavar roupa. Botava um saco de roupa pilado na cabeça e ia lavar. Era de a pé mesmo, ia e vinha de a pé.

Agora nós agradecemos a Deus primeiramente, e os filhos de Deus que botaram força e vieram. Aqui a gente não tinha nada disso, não tinha ajuda de nada, principalmente água. Hoje nós temos nosso vasilhame onde a gente armazena água. Quando se acaba a que Deus mandou, a gente compra e bota [no vasilhame]. Naquele outro tempo, lá atrás, não tinha nem onde botar água. A gente fica satisfeito, não é?

Eu sei rezar. Eu rezo confiando em Deus, primeiramente. Se a pessoa engasgar, eu também sei rezar e já rezei muito. Se tiver um bicho ali morrendo, com uma bicheira desse tamanho, eu curo e ele fica bom. As outras rezas que aprendi eu já esqueci. É assim como a gente aprender uma profissão: se não usar, vai se esquecendo. Principalmente, a gente vai caindo na idade, a idade vai avançada e vai tudo se acabando. Vai petrificar, vai se acabar, não é?

[Maria Silvanete] Quando a gente escuta Dona de Jesus dizer: “eu sou Maria de Jesus, tenho tantos anos, nasci e me criei aqui, nunca precisei sair daqui”, quando essas mulheres trazem esses depoimentos, você vai percebendo que se ela diz: “eu nasci e me criei aqui”, ela tá dizendo assim: que eu nasci e me criei e quem me ajudou a criar, me criar e criar os demais foi tudo isso que está aqui no meu entorno, foram as frutas daqui, as frutas nativas que também se utiliza bastante, foi a própria madeira, foram as próprias

folhas. Dona de Jesus é uma benzedeira, e ela não se apresentou como tal. Mas ela é benzedeira. Dona de Jesus faz um benzo que são poucas as pessoas que fazem. O benzo são poucas as pessoas que fazem. São poucas as pessoas que tem o que eu chamo de dom, as que trabalham os dons em determinados locais do corpo. Todos nós temos um dom. A gente nasce com esse dom, mas são poucas as pessoas que fazem aflorar esse dom, fazem despertar, fazem acordar. Essas são coisas que são poucas as pessoas que conhecem, mas é necessário nós trazermos, porque esses são os nossos saberes.

Dona de Jesus faz o benzo da garganta. Ela faz um benzo geral, mas ela tem uma oração específica da garganta, que faz esse equilíbrio. Quando eu era pequena, eu lembro que quando a gente começava a se engasgar demais, diziam: “vai lá que ela levanta o pinguelinho e você para de se engasgar tanto”. É quando se dizia que a campainha estava desregulada, e fazia isso. A gente cresceu ouvindo isso. Essas são coisas que poucas pessoas conhecem, mas é necessário a gente trazer, porque esses são os nossos saberes.

Dona de Jesus faz oração geral e faz essa oração também. Como eu falei de mãe, mãe também faz essa oração e faz também a oração das casas, que é o benzo nas casas, o benzo familiar. Ela faz muito isso nas famílias, entre as famílias. É tanto que às vezes eu digo: “mãe, faça mais, vai mais”, porque tem dia que ela tá muito se reclamando de dores. “Mãe, vai mais, faz mais orações, tá precisando fazer esse equilíbrio”, então ela faz isso.

Por isso eu tô puxando o cordão, porque quando você puxa o cordão de Dona Maria aí vai pra Dona de Jesus, aí de Dona de Jesus vem pras netas, isso é uma continuidade histórica, não é mesmo? Então faz esse equilíbrio familiar. Quando a gente tem esses dons, os dons são principalmente pra família, e aí, depois, a família é que vai irradiando, e vai irradiando e vai chegando mais. E como é que se irradia? Aquilo que é bom, todo mundo quer. Assim, é necessário nós praticarmos em casa e, depois, nos demais que vão chegando, vão se agrupando, vão se achegando e vão vivenciando tudo isso.

E tem Carlos, que faz esse depoimento bem interessante. Ele, muito próximo da outra avó, que vem com isso muito forte lá do sertão. A vó de Carlos, que ele é criado por ela, morou um bom

tempo lá nas Cacimba. Carlos diz pra todo mundo: “eu não acredito muito nisso, eu não acredito muito em tal coisa”. Mas ele é muito firme e forte naquilo que ele aprendeu com a avó. Você sente aquela firmeza. Mas ele diz: “eu não creio”.

- Tu crê, Carlos! Quando tu diz que tu faz e tu aprendeu e tu vai lá e faz, tu crê em alguma coisa!

É sempre uma luta pra que, na conversa com Carlos, ele compreenda o que é crer, o que é acreditar, o que é fazer, o que é praticar. Tudo isso que se faz é um rezo de orações, de crenças, de práticas e de cura.

E tem o também o Moisés, que chegou agora.

- Moisés, a gente está aqui nessa roda socializando os saberes naturais e sua conexão com o universo que você vive, com as plantas, com a mãe natureza, como é que você faz esses usos. O objetivo aqui é registrar essas práticas de uso das plantas, no dia a dia. O uso das plantas seja no chá, nos lambedores, nas raizadas. E, ao mesmo tempo, o que é que eu faço no dia a dia.

[*Moisés*] Meu nome é Moisés, tenho trinta e oito anos e vivo dentro da medicina. Quer dizer, eu acredito que eu estou aqui por causa disso, da medicina. Minha experiência me pegou de surpresa, isso me ajudou muito a participar e a manter presente as plantas medicinais no meu dia a dia. Praticamente eu estou sobrevivendo por causa dos remédios caseiros. Se não fosse isso, talvez eu não estivesse nem mais aqui, porque me apresentou uma doença no meu corpo e os médicos passaram uma farmácia de remédio pra mim, e nenhum dos remédios servia. Mas quando eu tomava os chás que eu fazia, as águas das raizadas, a minha vida foi se enquadrando. O organismo foi aceitando e reagindo de imediato àquelas plantas.



OS REMÉDIOS DO MATO E A CIENTÍFICA DO POPULAR

*Esses são os nossos cientistas populares.
É importante a gente ter isso bem claro.
Nós, que estamos na comunidade, somos
os cientistas populares.
E por que é isso?
Porque a ciência do laboratório se baseia
no que os cientistas populares estão falando.*

[*Maria Silvanete*] Sentar na roda é muito bom, porque são muitas as histórias que o pessoal pratica no dia a dia. As conversas vão surgindo e você vai se lembrando. Eu gostaria, Maria, que tu socializasse conosco como era que tu utilizava a raiz do cambuí, como as mulheres utilizavam o chá, conta pra gente.

[*Maria de Jesus*] A raiz do cambuí, minha tia, irmã do meu pai, ela fazia remédio pra mulher que tava meio descontrolada. Era do lado do sol, quando o sol nascia. Então, ela ensinava a gente como era que fazia o chá da raiz do cambuí. Eu aprendi com a irmã do meu pai, que falava isso. Quando a gente ia pra lá, ela sempre contava pra gente que o cambuí era bom pra isso. Eu digo: “oxente! A gente tem lá, mas ninguém sabe”. E ela: “pois é, minha filha, é muito bom”. Ela mesmo fazia remédio pras filhas dela dessa raiz de cambuí. E eu aprendi. Fazia do lado que o sol nascia, assim ela me disse. A pessoa arrancava a raiz e fazia o chá.

Hoje em dia, o pessoal não acredita mais em remédio do mato. Quando eu adoeci... A minha mãe morreu de diabetes, então eu disse: “eita, quando eu adoecer de diabetes, eu vou castigar no remédio do mato!” Mas quando eu vim me acordar, a diabetes já estava lá em cima, já estava descontrolada demais. Aí não controlou mais não. Mas eu digo: “eu vou tomar pata de vaca, vou tomar todo remédio aí de quem ensina, chá de goiaba...”

[*Mariani*] Mas o que tá controlando a diabetes mesmo, se

a gente toma direitinho, é a folha da goiaba e da camarinha, que ajuda a controlar. Quando ela começa a tomar esse remédio, o chá da goiaba e a camarinha, quando é no outro dia já tá controlada. Agora, é igual remédio de farmácia, se você não tomar direito, não faz efeito.

[*Maria de Jesus*] Caju, chá de manga, tudo serve pra diabetes. Para os rins, não tem que nem aquele estreito de passarinho com aquele espinho de cigano. Tem mais no inverno, na seca não tem não. Um dia, com uma dor assim do lado, minha irmã disse: “Maria, faz o chá do estreito do passarinho com espinho de cigano pra modo de tu ver, tu não toma três chás!”. Oxente! Apois não é que eu fiz e não senti mais dor de jeito nenhum!? Esse estreito de passarinho, a gente nem sabe o tanto que serve de remédio! Esses matos que se criam nos pés de pau!

[*Moisés*] Eu tinha outras doenças no corpo, tipo gastrite. A gastrite foi curada com mel de abelha e babosa. Foi-se embora a gastrite. Eu não podia comer essa coisa de massa, qualquer coisa: macaxeira, macarrão, cuscuz... na hora que eu comia ficava uma queima muito forte. Com esse remédio me curei. O uso das plantas medicinais até hoje lá em casa se mantém.

Ontem mesmo chegou minha tia com a espinheira santa, que serve para matar bactérias. Úlcera ela cura também, a espinheira santa. Mas acredito que o mastruz foi o principal pra esse problema que eu tinha e que no início era muito sério, me impedia de andar. Eu sentia muitas dores. Só o mastruz limpo passado no liquidificador, isso foi cicatrizando [a úlcera ativa]. As febres que sentia não sinto mais. As dores que eu sentia, na hora que eu tomava o mastruz dava um choque, parava de doer. O mastruz dura em média oito horas no organismo. Quando passava o efeito do mastruz, começava a doer de novo, aí você tem que tomar novamente. E por aí vieram muitas coisas que me ensinaram: a aroeira, a ameixa, a quina quina, que também é para desinflamar. O banho do açafrao, que é muito bom também. Ele dá um choque no corpo, tira toda moleza que tiver no corpo. Febre, tira na hora com o banho do açafrao. O eucalipto, quando eu sentia febre, tomava o banho do eucalipto e a febre ia-se embora. Dava uma esquentada tão grande no corpo que molhava

tudo. Com meia hora já não tinha mais febre, não tinha mais nada. O alecrim, a baraúna, a semente de melancia também são bons pra febre.

[Atailane] A malva branca do mato, a papaconha e a vassourinha também.

[Maria de Jesus] Goma serve pra febre também, serve pra esfriação do corpo e pra nascimento de dente de criança. Pra quem tem dor de umbigo, a arruda é tão bom!

[Maria Silvanete] Já entraram em outra, dor de umbigo! Saiu aí a arruda e a losna. Losna eu lembro... machucava a losna, tipo um patézinho, e botava em cima assim do umbigo, aí fazia um amarrado mais forte pra conter. Se fazia isso com a losna.

[Maria de Jesus] Quando eu comia uma comida que eu não sentia que não tava me fazendo bem, eu ia no pé e tirava um peão desse tamanho, tirava umas três folha e tirava uns talinho e pegava assim, fazia uma bola meio grande, botava na boca, botava um gole de água meio grande. Oxe, descia!

[Carlos] O sumo da folha do Seriguela serve pra disenteria.

[Maria Silvanete] Disenteria. O olho da goiaba serve pra disenteria também.

[Carlos] Você pega a folha, bate no pano e espreme mesmo, pra sair aquela água bem verde. Então bota um pouquinho de goma, mistura e toma. E tem o banho de imburana, que serve pra febre. O chá da folha também.

[Maria Silvanete] A imburana de cheiro aqui na Serra, só dá se a gente plantar. A imburana de cheiro se utiliza a semente torrada, quando alguém está com mal estar ou a comida faz mal. O pessoal utiliza a semente de imburana de cheiro, dá uma torrada e faz a mesma coisa com a canela: torra, pisa e faz o chá. Já quando é pra usar como broncodilatador, a questão de catarro preso no peito, então se utiliza tanto a casca como a semente. Nesse caso já não precisa torrar.

E gripe, quais as plantas que a gente utiliza?

[Carlos] A flor da catigueira pra fazer lambedor com malva branca, malva do reino e raiz de malva branca. Quando eu estava com asma bem forte, mãe dava olho de pequi com mel, mas também

dava laranja da terra com sal, pra chupar.

[Maria de Jesus] Com mel, com azeite de pequi e manteiga da terra que eu fazia pros meus meninos. Batia na colher. Hoje tem liquidificador, mas antigamente eu fazia isso. Batia com mel, botava até banha junto com a manteiga, pra gripe, pra tosse... olhe que era um remédio bom! Ficava doidinha caçando mel.

[Moisés] Tem o lambedor de juá. Ele é feito assim: a gente bota mais ou menos um quilo de juá, meio quilo. A quantidade de um pacotinho, cheinho de juá raspado. Você bate ele com a mão. Pode mexer com a mão mesmo. É bem forte, vai ficar bem cheio. Tirou aquela espuma, torna a repetir novamente. Tira a segunda. Nove vezes! Tem que dar nove espumas. Depois que tirar as nove espumas, coloca, na quantidade de dois litros, três copos desses de açúcar. Aí pode mexer até ele se unir. Quando ele se une, você bota na garrafa e leva pra um lugar que tenha sol e sereno pra ele passar três dias. Três dias com três noites. Assim ele está se reproduzindo ali.

Por conta do clima do dia e da noite, ela vai ficar tipo um caldo, vai chocar todinho. A quantidade de um litro é suficiente para você ficar bom: três vezes ao dia, meio copo de manhã depois da merenda, meio copo antes do almoço, porque já vai forrar o organismo, e outro antes da janta. Sempre manter ele antes, porque depois que se alimenta, o alimento vai controlar. Como é um remédio antigo, é um remédio que pouco se vê falar. Muitas vezes você gasta duzentos, trezentos reais de remédio e não fica bom, e com um remédio bem simplesinho, barato... o juá, com vinte reais você resolve!

Esse era um remédio que a gente tomava. A gente não tinha médico, nosso sítio que a gente morava não tinha médico. Era novidade você ver falar de um médico. Quem eram os médicos? Nossos pais mesmo! Às vezes, tinha criança ali que caía nos braços doente e o remédio era um vizinho ou um amigo quem ensinava, e ficava bom. E tudinho se criaram!

Mas na primeira água, tudinho adoecer. Vai tomar daquela água e vai adoecer, que a gente, mantido unido com a natureza, se o clima mudar a gente muda também. Se você vai de um lugar pro

outro, você sente o impacto.

[Maria Silvanete] Veja, Moisés traz essa mudança das águas. Todo mundo sente, todo mundo fica empazinado ou sente alguma cólica, alguma coisa assim. Isso é interessante, porque vizinha quando dizia assim: “tá chegando o período da chuva nova”, ela botava a gente pra ir atrás de pitanga, já de olho na mudança das águas. Na mudança das águas a gente tomava muito chá de pitanga.

Mas por que isso? Porque todos nós temos um bichinho chamado ameba. Às vezes, a pessoa acha que ameba é verme, mas é um protozoário. Nesse sentido, na mudança das águas, ela aparece com força, provoca dores, provoca empazinamento, o intestino trava. Fica como se fosse o bucho inchado. E o chá da pitanga faz cuidar justamente disso. Então, vizinha botava pra ir atrás das folhas de pitanga. Na vizinhança, quando tinha alguém com problema, já corria lá atrás das folha da pitanga, que era pra fazer o chá. Assim, quando Moisés traz isso, você percebe que os povos, nas suas regiões, nos seus territórios, cada um construía suas estratégias de enfretamento, percebe?

[Maria de Jesus] A palma santa é santa mesmo, não é? Minha mãe, quando ela tinha criança pequena que dava dor de barriga com espremedeira, ela tirava uns pedaços da palma, tirava os espinhos e botava assim, no rescaldo com fogo; puxava a labareda e botava só no rescaldo, e ela ficava bem molinha. Então era descascar, espremer, adoçar e dar o menino. Ela dava era muito, que não tinha outro jeito. Por isso que nós é sábio. O Brasil só sabe da medicina, mas nós sabemos dos remédios das raizadas, que nós se criemos assim.

[Maria Silvanete] Bom, o pessoal vem trazendo uma série de coisas. Por trás de tudo isso tem também os alimentos. Aqui, o pessoal utiliza muito o jatobá, que é utilizado tanto o fruto quanto a farinha, pra alimentação. Mas também a casca dele para o remédio, para os lambedores. Saiu também a fala do cambuí para pressão alta. O pessoal antes aqui comia muito mais o fruto do cambuí, que traz um equilíbrio muito interessante. Quando você traz esse relato dessas pessoas com tanta idade, que não tiveram tanto esse desequilíbrio na saúde, quando você vê o histórico delas com o cambuí, a murta... Esses são alimentos que existem aqui, e quando a gente fez a análise,

realmente o cambuí é riquíssimo em ferro, riquíssimo em tanino. Quando se fala: “eu não tive problema de circulação sanguínea ou de pressão alta”, sabemos que pra tudo isso o tanino ajuda. O tanino é justamente a substância que está lá no vinho, mas aqui o pessoal come o tanino naturalmente e muitas vezes nem percebe. Tá dentro do cambuí, tá na murta. Isso do uso das plantas na alimentação e no remédio a gente traz para dentro da pesquisa científica, que eu chamo de pesquisa científica do laboratório. E tem essa nossa, que é a científica do popular.

Então, esses são os nossos cientistas populares. É importante a gente ter isso bem claro! Nós, que estamos na comunidade, somos os cientistas populares. E por que é isso? Porque a ciência do laboratório se baseia no que os cientistas populares estão falando. Por isso é interessante esse relato aqui, com todas essas gerações juntas. Pra gente, isso é muito bom, porque você vai vendo as gerações, vai passando de geração em geração, vai passando de mãe pra filha, de filha para irmão, de irmão para sobrinho, e isso é uma continuidade.



*Essas passagens eu não fecho.
O portal continua aberto. Ele está para
fechar, então eu estou esperando
o momento ainda para fechar.
Neste lado aqui já semeei bastante flores,
sementes com flores para nascer flor.
E do outro lado também. A esperança é
que venham com flores. Mas já iniciou o
processo de fechamento.
E eu preciso concluir.
Esses portais estão muito conectados
com a minha vida anterior. Estar neste
ambiente... Hoje, eu compreendo
perfeitamente porque vim parar aqui,
porque cada coisa se apresenta.*



o portal da gratidão

Maria Silvanete Lermen em conversa coletiva com Marília Nepomuceno, Ana Carvalho, Mariana Sobral, Giuseppe Bandeira, João Pedro Moreira e Daniel Guedes, realizada durante a execução do projeto COSMONUCLEAÇÃO REGENERATIVA E ENCANTAMENTO, 2021-2022.

O CAMINHO DAS ÁGUAS TEM QUE SABER VER

Trazer isso é trazer a história de como uma área passa a ficar tão forte quando você quer, quando você sonha, trazendo alimento, trazendo remédio, trazendo aquele bem-estar que você tanto almeja.

Hoje eu tenho bem claro como é o meu caminho das águas, tenho claro como é tudo por aqui. Mas quando chegamos, a gente olhava e era como se a água descesse para o outro lado. Essa era a visão que a visão nossa passava. O ideal era que a gente conseguisse ver. Um pouco aquela história de poder morar num local por uma ano pra perceber o espaço. Mas a realidade muitas vezes não permite, e a gente faz errado mesmo.

Quando as pessoas vêm aqui, a gente pergunta:

- Qual é o caminho da água?

E o pessoal responde:

- O caminho da água é pra acolá!

Nunca imaginam que o caminho da água é este outro. Hoje a gente sabe. É um caminho de água muito forte. Tem que saber ver!

Chegamos nos Paus Dóias em dezembro de 2006. Primeiro em mãe, pra romper o ano. Depois nos mudamos pra cá, acho que em novembro de 2007. Eu já tinha vontade de vir logo. Voltar pro campo pra vivenciar tudo aquilo que a gente tem guardado na mente, aquilo que a gente vivencia quando criança, os saberes praticados na própria família. Você vai crescendo, vai construindo e vivenciando aquilo.

No meu pensamento, eu queria uma entrada com árvore grande! Então a gente plantou o guapuruvu, que cresce bastante. E do outro lado o tamboril, que a semente a gente lança.

No início, lançamos muitas sementes dentro da área - sementes que a gente ia pegar lá no Agreste e também aqui no entorno. Lançamos sacos de sementes pra ver se vinha logo árvore grande. Mas a baraúna, que é aquela que só se vê os pauzinhos, nasce por conta. Não sei quem trouxe: se foi algum pássaro ou se foi o gado passando, a gente não sabe. O fato é que a baraúna surge lá e é bem interessante isso. Porque quando a gente busca a baraúna na história dos usos, ela é uma das plantas que se utiliza para inflamações na gengiva, dores de dente. Para desinflamar, a baraúna é muito forte.

Os mandacarus a gente trouxe lá de papai e plantamos cá deste lado, e o danado do mandacaru nunca cresceu. Tá lá, pequenininho.

Mas quando vinha pra cá, toda gente dizia assim:

- Onde é a casa de vocês?

- Passando pelo pé de mandacaru grande, a primeira entrada! - a gente respondia.

Depois, o outro mandacaru surge e cresce bastante. Então a gente completou:

- Passando o mandacaru grande, a outra entrada do pezinho de mandacaru!

Depois surge mais outro. Aí mudou:

- Passando a casa do pé de mandacaru, a entrada que tem dois pés de mandacaru.

E assim vão surgindo as formas que vão trazendo outras referências. Vai surgindo tudo isso que a gente vê aqui.

Do outro lado tem o jatobá, que é uma planta que tem no imaginário da gente muito forte também. A gente subia a mata grande. Subia e ia comendo jatobá. A gente dava graças a Deus quando tinha jatobá! Cada um queria chegar primeiro no pé pra quebrar e comer. Quando chegamos aqui já tinha um pezinho, hoje ele está daquele tamanho todo!

E, por fim, aqui deste outro lado, nós temos o pé de pau dóia, a árvore símbolo da nossa comunidade. Ela é a nossa copaíba. É uma árvore que tá muito forte nos usos dos povos. Mas quando a gente chega aqui já não tem mais como tirar o óleo dos paus dóias. A história que o pessoal conta já é a história do fogo, do incêndio. Os paus dóias mais grossos foram queimados.

Existe uma área aqui, que está sendo derrubada agora [pelos fazendeiros], que é onde tinha os paus dóias mais grossos. A gente achava que em pouco tempo conseguiria tirar o óleo. Mas estão sendo derrubados. Então, a gente fez uma campanha muito grande para que todo mundo tivesse um pau dóia em sua casa, para repovoar os paus dóias.

Trazer tudo isso é trazer a história de como uma área passa a ficar tão forte quando você quer, quando você sonha, trazendo alimento, trazendo remédio, trazendo aquele bem-estar que você tanto almeja.



HÁ SEMPRE UMA ÁRVORE QUE SOMOS NÓS - O CAMINHO DA VIDA

*O que continua somos nós.
E se nós não despertarmos para esse olhar,
matamos a nós mesmos antes de nos percebermos.*

Essa copinha de mata aqui a gente chama de Floresta dos Paus Dóias. É um local que eu considero sagrado. É um portal também. Eu o chamo de Portal da Gratidão. Gosto sempre de trazer as pessoas aqui para que possam compreender o quão profundo é tudo isso, como tudo está interligado. Trago as pessoas aqui para falar sobre como nós somos responsáveis por tudo aquilo que acontece e, também, qual o nosso comprometimento de olhar, de dar continuidade, de seguir. Porque o que continua somos nós e se nós não despertarmos para esse olhar, matamos a nós mesmos antes de nos perceber.

Neste sentido, se você olhar para cada uma dessas árvores [paus dóias], vai perceber que cada uma tem uma cicatriz. Quando chegamos, a gente fez muita lama com esse barro aqui. Pisamos bastante o barro e molhamos os troncos, cobrimos com lama. A esperança era ver as árvores saudáveis, embora a gente estivesse consciente de que elas morreriam antes de completadas, antes de poderem fechar seu ciclo.

Assim como nós chegamos ao mundo e fechamos um ciclo de vida - nascer, crescer, reproduzir e morrer. Para reproduzir nós precisamos ter filhos, e que nossos filhos tenham filhos também, e os filhos de nossos filhos, porque a partir disso você percebe que a vida continua, que a geração continua, a essência continua. E isso dá continuidade. Quando você chega próximo a uma árvore dessas, você percebe que ela não vai conseguir fechar esse ciclo. Para fechar seu ciclo, ela precisa dar o óleo. Então essa planta precisa trabalhar isso, porque na sua essência ela foi construída para ter óleo também. Quando chego aqui e não consigo tirar o seu óleo, porque ela foi machucada, ela não fecha o seu ciclo. Ela se retira do espaço sem

completar esse fechamento. Ela veio ao mundo mas não chegou à sua essência.

Muitas vezes temos esse olhar tão imaturo de achar que o ciclo de uma árvore se fecha quando ela dá suas sementes. Mas quando você chega aqui, percebe que o ciclo é muito mais profundo. Nós cuidamos delas, cresceram, estão bonitas, mas não nos dão seu óleo. Por isso a importância de saber usar. Muitas vezes trazemos as pessoas aqui e dizemos: “olha, quando quiser um sabonete, um xarope, um lambedor, um extrato, quando quiser uma essência seja ela qual for, precisa primeiro saber como ela é tirada, de onde está sendo tirada, como eu quero e preciso que seja tirada. É preciso compreender que a árvore é um ser vivo e, dependendo de como você faz, você pode matá-la”. Assim, a gente diz que sim, que é importante continuar com todos esses saberes, com todas essas práticas e usos, mas que é importante saber tirar o remédio também. Tirar a partir da poda, cortar um galho lá em cima e tirar dele tudo o que você precisar, mas nunca do caule principal, como fizeram aqui antigamente.

Para cada uso dos paus dóias tem uma prática. Quando você conhece a história, você já sabe só de olhar, porque você entende o formato do corte, como foi tirado. Para fortalecer a sexualidade masculina, por exemplo, tira a casca de baixo para cima, e a feminina, de cima para baixo. Ela também é utilizada nos xaropes, no lambedor, nas tinturas, para fortalecer os brônquios respiratórios. Para dores na coluna. As pessoas tiram muito a casca para dor na coluna. Ela tem um uso infinito, muito infinito. Cada vez que você fala, vai surgindo mais e mais usos.

Então aqui é a nossa mata de paus dóias. Para onde trazemos as pessoas, fazemos nossas rodas de conversa. É muito profundo. Mais ainda quando falamos da questão dos dons, dos espíritos, dos saberes. A gente faz as pessoas se voltarem para isso também. Saber reconhecer qual árvore é você, quem é a árvore que você representa enquanto mata, enquanto floresta. Qual é essa árvore que te fortalece e te equilibra, que te traz essa firmeza enquanto sujeito no cosmo, enquanto ecossistema.

NOSSA MISSÃO É UMA FORMA DE BENZO, UMA FORMA DE ORAÇÃO

Compreender tudo isso, essa ligação com as matas, essa conexão com o povo, com a vida, com o sentir, com o fazer, com o perceber que tudo faz parte de uma sincronia e que essa sincronia não está separada, mas interligada.

Essas passagens eu não fecho. O portal continua aberto. Ele está para fechar, então eu estou esperando o momento ainda para fechar. Neste lado aqui já semeei bastante flores, sementes com flores para nascer flor. E do outro lado também. A esperança é que venham com flores. Mas já iniciou o processo de fechamento. E eu preciso concluir. Esses portais estão muito conectados com a minha vida anterior. Estar neste ambiente... Hoje eu compreendo perfeitamente porque vim parar aqui, porque cada coisa se apresenta.

Quando cheguei aqui era uma miopia tão doida! Por mais que todo mundo dissesse que era um deserto... Eu ficava irritada em dizer que era um deserto, não aceitava de jeito nenhum que isso aqui era um deserto. E então as coisas foram acontecendo. Fomos fazendo, resolvendo, reconstruindo. Eu e o Vilmar. Hoje eu compreendo perfeitamente.

Sempre falo que nós temos missões na terra. Temos uma missão muito profunda. Cada um vem e é preciso que cada um compreenda essa sua missão. É necessário compreender que em alguns momentos da vida a gente tem a sensação de que aquilo que você está fazendo hoje, você já fez em outro momento, você tá repetindo. Se você já sentiu isso, você está com os canais abertos. Canais de comunicação com vidas anteriores. Você está apenas continuando.

Mas é preciso saber também que cada vida é uma vida e, por mais que você dê continuidade, você não pode jamais permitir que a vida anterior lhe sufoque ou lhe prejudique, porque em algum momento ela nos prejudica se a gente não tiver um pouco desse

olhar, desse despertar, dessa sensibilidade. Se a gente não tiver isso bem claro, nós nos perdemos novamente na vida.

Digo que já estou no final dessa busca. Já consegui compreender que já estou num processo de conclusão, que determinadas coisas da vida anterior eu já fechei, já consegui fechar, já consegui identificar. Sei olhar e dizer: “isso aqui não é meu. Foi de um outro momento, mas não é meu”. Porque o meu é agora.

Sinto também que estou nesse final quando percebo que quando criança eu dizia: “é isso o que quero fazer”. Identifico isso ainda criança. Muitas vezes, por não compreender, mamãe me batia, papai me batia. Como despertei cedo eu sabia que era aquilo o que eu queria.

Tudo isso me faz ter consciência de que despertei cedo para minha missão. É complexo e muito mais profundo. Mas é por aí o caminho. Compreender tudo isso, essa ligação com as matas, essa conexão com o povo, com a vida, com o sentir, com o fazer, com o perceber que tudo faz parte de uma sincronia e que essa sincronia não está separada, mas interligada. É sentir que estamos aqui por essa causa do construir, do fazer, do sentir, do realizar, do ajudar um ao outro.

E quando falo ajudar, nem é ajudar, é fazer sua parte. Não tem isso de ajudar: se você está fazendo é porque era o seu trabalho, a sua parte que estava faltando ser feita. Lá em casa a gente cria muito essa questão de todos tem que fazer, então todos tem que lavar banheiro, todos tem que lavar prato. Todos tem que fazer, porque não é uma questão de ajudar, mas de fazer o seu pedacinho, a sua parte. Então, quando jogamos isso pra sociedade, se a gente consegue compreender isso num espírito maior, a gente vai percebendo que não era pra estarmos nessa situação, na situação que a humanidade está hoje.

Nesse processo de não compreendermos qual a nossa missão, eu faço o caminho de volta [junto com a pessoa] para ver se encontramos novamente, pra ver se consigo despertar essa missão. Isso é um poder iluminado? Não! Todos nós somos iluminados, todos nós temos este dom, todos nós temos esse poder, todos nós temos essa capacidade. Muitas vezes a gente não consegue é despertar

assim tão rápido. Às vezes, desperta no momento da passagem final. Então, com certeza volta, porque sabe que não cumpriu sua missão. É tão profundo isso!

Por isso, eu faço a vivência dos conhecimentos ancestrais e das práticas de cura. Faço para despertar, para provocar em cada um o seu dom: qual o seu dom? Qual a sua missão? O que você veio fazer aqui? É uma forma de rezo, uma forma de benzo. Isso é uma forma de oração.



NÓS SOMOS UM POVO SÓ - BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE EXISTIR E RESISTIR

Essa diversidade é a condição da nossa saúde, da nossa cura e da nossa sobrevivência, como povos, como humanidade e como planeta.

Nós somos um povo só. A diferença é que temos detalhes diferentes, mas nossa história é a mesma. A história de resistência, a história de luta, a história de conexão com o ser, com os demais, a história de pertença. A luta dos povos para continuar existindo. É a mesma história!

Quando se traz a [a história] da perseguição, você percebe que eles [os indígenas e as comunidades tradicionais] foram perseguidos. Todos continuam sendo perseguidos. Mas todos também buscam essa resistência, essa resiliência, essa continuidade e essa pertença enquanto povos, enquanto saberes. Saberes que muitas vezes a gente deixa passar despercebido. Mas são os saberes, as práticas, os fazeres que nos tornam fortes, que nos fazem continuar.

Por isso é tão necessário fazer, é seguir fazendo o que nos mantém existindo. E saber. Saber por que é importante ficar um cambuí de pé, por que é interessante ficar uma baraúna de pé, por que é interessante ficar um pau dóia de pé, por que é interessante eu ter toda essa diversidade de pé, e que ela só faz sentido pra mim se estiver de pé. Porque essa diversidade está dentro do fazer de um povo, de uma existência, de um território, de uma comunidade, de uma região, de um país, está contida no mundo. Se a gente não tiver isso muito claro pra gente, perdemos o foco e começamos a achar que não faz sentido.

Essa diversidade é a condição da nossa saúde, da nossa cura e da nossa sobrevivência, como povos, como humanidade e como planeta.

OUVIR É COMO REMÉDIO, A FALA É ORAÇÃO

*Você é escutado e já volta mais fortalecido, volta com outro ânimo pra casa. Naquele momento você precisava ser ouvido, alimentado. Não com um comprimido, ou com um chá, mas simplesmente por ter sido ouvido.
Parar para ouvir.*

Um dia Islândia me disse: “Silvanete, você despertou para o dom da oração!” Desde quando eu estava no hospital, eu atendia as pessoas e rezava. Então, isso do benzo, da oração, é muito profundo. Você precisa sentir. Muitas vezes, lá no hospital eu chegava, ficava conversando, era um alimento pra alma. Existem várias formas de benzo, várias formas de alimento da alma, várias formas de nos alimentar e de nos fortalecer, e é isso que muitas vezes a gente vem falando, tentando construir nos espaços dos hospitais.

O médico, o cuidador, quando o povo chega nos seus consultórios, eles precisam ouvir mais. Muitas vezes, o remédio é só ficar ali ouvindo. Neste sentido, você já fez uma oração, você já fez um benzo. Como nossos curandeiros, que eram os médicos daquela época. Quando a gente chegava, ele ficava muito no ouvir, no compreender a pessoa. Já sentia e conseguia compreender o que teria que fazer.

Você é escutado e já volta mais fortalecido, volta com outro ânimo pra casa. Naquele momento você precisava ser ouvido, alimentado. Não com um comprimido, ou com um chá, mas simplesmente por ter sido ouvido. Parar para ouvir. Na nossa sociedade, muita gente vai para o hospital. Mas vai para o hospital porque, muitas vezes, não tem quem escute você em casa, não tem com quem compartilhar. Chega lá e também não encontra o que foi procurar. Então você volta, às vezes, muito mais perdido do que foi.

São desafios muito grandes que nós temos e as outras gerações precisam conhecer isso. É fundamental para continuarmos

existindo, para continuarmos nos orientando, para compreendermos que o universo é muito além do que aquilo que a gente enxerga, é muito mais dinâmico, mais complexo.

Por isso eu digo, este é um espaço muito sagrado pra mim, porque ele vem com todas essas conexões, com tudo o que eu ainda nem enxerguei. Compreendo que quando eu sair daqui talvez também não tenha enxergado tudo, porque também não é minha função, não é minha obrigação enxergar tudo! Ele está aí pra quem quiser enxergar, e o que eu fizer já é o tudo.

Quando recebo as pessoas aqui em casa, entendo que cada um vem com uma missão, cada um vem com sua força, com sua compreensão, cada um vem com aquilo para o que já foi despertado e que é uma forma de cura. Enxergo cada pessoa como um tipo de rezo, um tipo de cura. Todos nós temos essa capacidade de fazer a cura também. E isso me deixa muito feliz! Eu sempre digo que quem vem aqui em casa não vem por acaso, vem porque tinha que vir. Algumas vezes é desafiador, e faz você aprender como lidar com situações tão profundas, que chegam abrindo e trabalhando a abertura de ferimentos tão profundos. E ao mesmo tempo desperta essa compreensão de que eu preciso fazer mais, para que a gente se fortaleça ainda mais, para enfrentar as situações que vivemos.



ONDE O CHÃO É LOCAL DE VIVÊNCIA E DE TRABALHO - NOTAS SOBRE A CONSTRUÇÃO DA CASA DE VIVÊNCIA

*Fazer este trabalho vai muito além do benzo.
É sentir o ser enquanto sujeito que está aqui conectado
com tudo isso.*

1. Por onde ando, o pessoal sempre me procura. Não sei como, mas sempre descobrem alguma coisa que eu faço. Assim, sempre aparece alguém pra eu atender. Aqui não seria diferente. Sonhando e construindo tudo isso aqui, começou a aparecer gente me procurando. Então comecei a perceber que eu não tinha um espaço para fazer este tipo de escuta mais profunda, de conversar com a pessoa. Percebi que eu precisava de um espaço e de um tempo maior, uma particularidade maior para ir mais fundo e poder entender melhor cada fala e cada pessoa, ou o que eu vou falar naquele momento se torna artificial. Como não estamos num ambiente propício, eu não vou conseguir falar realmente o que preciso e o que gostaria de falar, então fica aquilo que eu chamo de atendimento artificial.

2. Fazer o benzo não é simplesmente fazer o benzo. Eu faço o benzo, mas preciso fazer a escuta, preciso provocar a pessoa a falar um pouco mais sobre ela mesma, sua intimidade enquanto vida, para poder compreender num leque mais profundo e, a partir disso, fazermos uma reflexão em conjunto. Então, fazer este trabalho vai muito além do benzo: é sentir o ser enquanto sujeito que está aqui conectado com tudo isso.

3. Com a pandemia, o número de pessoas me procurando aumentou muito. E eu fui reservando um cantinho, coloquei cortina. Mas não é a mesma coisa. Às vezes, levava para debaixo de uma árvore, ou ia para a Unidade para tentar ouvir um pouco. Foi quando entendi que precisava de um espaço. Um dia, a gente num trabalho aqui embaixo, eu disse: “Vilmar, se a gente fizer neste

espaço aqui uma casinha? Um espaço para eu conseguir fazer uma escuta, trabalhar um atendimento melhor, tu acha que dá pra fazer?” “- Dá, você não quer?” Foi ótimo ouvir aquela resposta.

A partir dali, a gente começou a pensar como poderia ser o espaço. Um espaço para o benzo, para um atendimento da escuta e a feitura dos produtos. Não só para a pessoa pegar e tomar ali, mas vir fazer também. Porque a ideia é fazer a pessoa se sentir empoderada, sentir assim: “eu também de posso cuidar mim!” Assim, além da escuta, tem isso da pessoa ir até lá e preparar o seu medicamento, manusear junto.

4. Ao mesmo tempo, a gente pensa um tanto de coisa, tudo junto. Vai pensando e vem mais uma série de coisas. E fiquei pensando que este espaço também deveria ter aquilo o que a gente chama de excedente, que é para comercializar, pra gente que vai e que vem.

Então pensamos nesse ambiente com salas: a sala de roda, onde a gente pode chegar e sentar; a sala de extração do hidrolato, ou do óleo; a sala da escuta; a sala dos produtos. Como é que eu faria sem apertar tanto? Em alguns locais fazer mais arredondado, pra ver se eu ganho mais espaço, um espaço mais aconchegante e não matar os outros espaços. Esse é um grande desafio e fico matutando como é que isso poderia acontecer.

Mas tá pensado! Então, no pensamento nosso eu vou mostrando como ele tá pensado.

5. Como aqui o chão é um local de vivência e de trabalho, eu penso que o piso é também essa interação. Quero que quem pise também sinta essa importância. A importância do toque. Eu sempre falo que às vezes a gente está com a maior dor do mundo e uma massagem resolve. E é justamente isso que a gente gostaria de trabalhar. Por isso eu digo que é uma casa de vivência, porque ela vai muito mais além. É perceber a importância do toque, a importância da família, de estar ali interagindo. Quando eu desperto isso em um grupo, eu tento despertar isso na minha casa também, quebrar determinados tabus que foram construídos ali. Então fico pensando no piso: o piso também ser este momento em que a pessoa sinta.

“Mas como é que eu faço isso? Como é que consegue entender

essa sensibilidade”? Ela é muito profunda, e ao mesmo tempo é bem sensível. Eu gostaria de dizer tudo isso. Você não consegue compreender. Muitas vezes você faz, e não faz sentido dizer: “Olhe, isso aqui é uma construção, é um sonho, é suor, é não ter dinheiro, é juntar um pouquinho do que se tem. É um sonho, é uma construção conjunta, onde todo mundo ganha, onde você também sai mais sábio daquilo tudo, quando você se constrói”.





deus dê saúde, deus dê as graças

Maria de Lurdes Souza da Silva, em conversa coletiva com Maria Silvanete Lermen, Marília Nepomuceno, Ana Carvalho e Mariana Sobral, realizada durante a execução do projeto COSMONUCLEAÇÃO REGENERATIVA E ENCANTAMENTO, 2021-2022.

O GRANDE DO MUNDO É DEUS

O meu dom foi dado por Deus e Nossa Senhora. Foi Deus que me deu. Eu rezo naquela pessoa, peço a graça pra Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo dá aquela graça. Eu acendo aquela vela pra aquele anjo da guarda daquela pessoa. Eu não vou fazer mal a ninguém.

Nasci numa casinha de capim, a cumieira era do tamanho disso aí e o capinzinho arrastando no chão. Me acostumei nisso, me criei nisso. Meu pai era bem pobrezinho... meu pai passou um bocado de tempo, não é?

A minha leitura foi pouca. Eu não tive leitura. Posso dizer que estudei quinze dias, de meio dia pra tarde, e o meu esposo botou seis na escola dentro de casa. Mas eu, com criança, uma mãe de família com dezoito filhos (e era pra ser vinte e cinco!), o que é que vai fazer? A minha vida é um romance da idade de dois anos até hoje. É, minha filha, um *romance*!

Desde quando eu sou benzedeira, desde quando que eu

benzia? Agora, por causa do diabo de coronha [corona], eu chamei a coronha de diabo. Às vezes as pessoas vêm e eu passo só um remédio, um chá, uma vitamina. Então a idade que eu contei, não sei se é.

Expedita, porque o meu velho, ele era um homem... ele é um homem descrente, ele é um homem que não acredita em nada, é um homem sistemático, aí eu corava quando as minhas filhas adoeciam, que nem a Francisca. A Francisca, minha filha, sabe que ela não é sadia, então, um dia ele foi, ele só acreditava em remédio de doutor, foi lá pra Loira [farmácia em Exu], comprou cinco vidros de remédio e trouxe.

Eu mesmo fui perdendo muito sangue pra lá. Ela passou girassol pra mim, disse que eu podia me sentar, não era pra andar pra canto nenhum, por vinte dias. É tão provado, que quando eu cheguei, o padre Maurício, quando ele viu eu ir na casa de mãe, ele não pensava de me ver viva: “homi, eu não pensei que eu morria não”! Eu tinha Francisca. Aí eu fui, eu fui e disse assim, ele trouxe, eu experimentei duas, não tinha melhora, experimentei do outro, não tinha melhora, experimentei do outro não tinha melhora, não tinha nada de melhora. Então eu disse assim pra ele [meu esposo]: “minha filha vai morrer porque nós não vamos mandar rezar nela”.

Quando cheguei na casa do rezador, foi com padre Zé Alexandre. Ele era um pessoa que o que ele dizia era verdade. Ele foi e disse assim: “mas, minha irmã, a senhora não sabe que essa menina não poder passar tempo sem rezar?” Eu digo: “mas a gente não se governa”. “É mesmo, a gente não se governa”, e foi examinar a menina e disse: “hoje vocês não vão pra casa”. Quando eu cheguei no meio do caminho, ela piorou de novo. Então eu fiquei com a minha reza.

Mas a minha reza, o meu dom, foi Deus quem me deu, os poderes de Deus e a força de Deus. Ele foi e disse assim que eu saí: “eu vou mandar rezar, porque tu tá me machucando e eu vou machucar tu”. A sogra de Jesus, Dona Maria, a mãe, também pode rezar no fim. “Sabe, Antônio, que reza de mãe pra mim não serve?” Desse jeito se conformou-se. Ele é assim meio bravo, mas é conformado.

Então eu fiquei, eu disse assim “minha Nossa Senhora, me dê umas graças pra não precisar de eu ir andar assim e aguentar

um desgosto”, porque eu sou desgostosa, se um camarada disser umas coisas comigo, eu fico sentida. Então, quando foi de noite, eu vi aquela velhinha, a roupa bem azulzinha e a cadeira com um galhinho de ramo...

Minha mãe fazia bordado. Quando eu fui pra me casar, eu fazia tanto bordado: sacola, pano de pote, pano de candeeiro, que antigamente tinha esses candeeiros, não é? Era de tudo, eu fazia toalha de santo, tudo eu aprendi com ela. Eu que faço as roupas do meu velho. Fazia as da minha mãe, das minhas irmãs. Graças a Deus!

Estudar, eu estudei com minha neta, tentei estudar com ela enquanto ela não se casou. Ela nem sabe, mas eu conheço todas essas letras. Ajuntar eu não ajunto, mas sendo pequeno eu ajunto. Por que? Porque não teve a indicação. Quando ela me passava a lição, eu dizia: “olha aí! Como é isso assim?”. E ela dizia: “olha a letra!”.

Benzer, benzer, já faz uns vinte anos já. Comecei assim como estou dizendo pra senhora. Eu pedi a Nossa Senhora algumas graças, que eu rezasse meus filhos. Então ela me deu umas folhinhas aí, dessas folhinhas. Ela disse assim: “você vai rezar em sete crianças. Quando passar, você não deixa mais. Primeiro é na sua casa. E outra coisa, se você ver uma pessoa e der vontade de rezar e não rezar, você leva...”

Quando eu fui me casar, fui me casar no civil. Quando eu cheguei lá, tinha uma mulher forte, com uma menininha tão doente! Mas era num bar. Comecei a rezar escondido, porque eu tinha vergonha de rezar. Era num bar, então busquei um canto pra sair. Só tinha uma porta, aí ela olhou pra mim e disse assim: “a senhora reza?” Eu disse: “eu não rezo não”, aí ela disse: “a senhora reza.”

Quando eu cheguei em casa, uma voz me disse assim: “você não rezou na criança não? A pessoa que é de você rezar vai pra sua casa, você sonha e se você ver uma pessoa e der vontade rezar e você não rezar...”. Aquela velhinha com a cabeça bem branquinha, a roupinha azulzinha, sentada numa cadeira dessa. Não tem aquelas cadeiras fechadinhas assim, azul? Aí pronto, passei cinco dias de cama. Ela me disse assim: “você não rezou, então, você vai levar esse castigo”.

Devido a esse negócio que aconteceu, era cheio de gente

demais, tanto por telefone, tanto igual as pessoas que vinham com as crianças. E as crianças diziam: “eu não quero que outra pessoa reze nêu”. Vinha gente perto do Araripe, vinha gente de Araripina, vinha gente do Campo Sales, de todo lado vinha gente pra modo de eu rezar. Foi as graças que eu pedi à Nossa Senhora, ela que me deu. Graças a Deus, eu fiquei, até uns dizem assim: “Mãe, não é pra senhora atender ninguém, não é pra rezar ninguém”. Agora, com uma descendência minha, se chegar gente aí fica lá de longe. Eu digo: “o grande do mundo é Deus!”

Então me chamaram eu foi de feiticeira, porque eu acendia vela pro anjo da guarda daquela pessoa. Quando eu rezo numa pessoa, o que precisa é o que eu vou fazer, o que é que eu vou pedir pras pessoas? Eu só posso pedir a saúde, que Deus dê a saúde e dê as graças! Me chamaram de feiticeira, eu fiquei desgostosa, chorei.

Me deu desgosto. Depois disso eu disse que eu não ia rezar tão cedo enquanto a mágoa que eu sentia e estava sentindo. O meu dom foi dado por Deus e Nossa Senhora. Foi Deus que me deu. Eu não sou uma feiticeira, catimbozeira. Eu rezo naquela pessoa, peço a graça pra Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo dá aquela graça. Eu acendo aquela vela pra aquele anjo da guarda daquela pessoa. Eu não vou fazer mal a ninguém.

Então chegou uma mulher aqui, com uma criança bem novinha. Chorei. Eu disse: “você eu não rezo, eu não rezo”... fazer o quê, minha filha? Às vezes chega alguém: “eu vim pra rezar”, e eu digo: “faça um chá assim, uma vitamina”. E pronto.



REMÉDIO FORTE QUE A GENTE TEM

O processo de limpeza? É verdade. A gente pega o magnésio, o gergelim e passa no liquidificador, faz aquele leite. Bate e bebe, bota um pouco de açúcar. Depende da pessoa querer. Agora, só que tem gente que tem o intestino muito fraco e outros tem o intestino forte. Quem tem o intestino forte tem que tomar um e, depois, com oito dias, toma de novo, porque ele é pra quentura. Os cuidados com a pessoa é bem fino. A gente toma ele hoje bem cedo: não leva sol, não leva sereno, não sai pra fora. Se puder ter uma bacia pra pessoa tomar banho dentro, sentar dentro. O de comer é fraco, só come aquele caldinho de arroz, o primeiro dia; no outro dia, ainda come aquele arrozinho. Quando é com três dias que a pessoa vai comer, mistura comida nenhuma. Só por causa do arroz e também um bem pouquinho do leite do gergelim. Faz um leite pra acrescentar, que a pessoa vai bebendo no decorrer do dia. No terceiro dia é que come uma carniinha, porque é o que eu faço. O que eu fazia era assim. Tem gente que quando toma não tá nem aí, mas aí não serve de nada.

Mas tem também o azeite de mamona. A pessoa pode comer um pirãozinho de carne só. Se botar a carne no fogo e fazer um pirão tem que comer uns cinco dias só aquela carne. Se precisar de comer um arrozinho, bota dentro da carne o arrozinho pra fazer o misturado.

Mas o magnésio é fino, eu mesma só uso ele assim, e uso pras pessoas, muita gente manda fazer o purgante, manda fazer pra beber e leva pra tomar em casa. O óleo de mamona a gente pega anis estrelado, a gente pega alfazema, alecrim, então ferve, faz o leite. Ferve o chá e bota aquele óleo dentro, e adoça. Bate e adoça bem. O purgante é cinco colher de azeite. Passa os cinco dias. Eu costumava passar só três dias, porque a senhora sabe que tem gente que não tem paciência!

A limpeza com as plantas, pra mulher? É o banho da aroeira. Mas agora mesmo eu faço de macela e de juá. A menina disse que faz um de aroeira e de caju, mas isso aí eu já não sei. Porque diz que ela, a da aroeira, diz que às vezes interrompe o sangue da pessoa. Eu sou

uma pessoa que eu passo um remédio que eu vejo que seca.

A minha sogra, um dia, teve uma *escorrição*. Então eu fazia o chazinho dela. Não é todo dia que a pessoa bebe! Mas pra minha sogra nunca fiz chá dele não, só para os outros. O que eu fazia pra ela era o da raspa do juá. Fazia aquela água pra ela se assear. Era só o que eu fiz pra ela, e o banho da macela. Graças a Deus ela ficou boa.

CASA DE BOTÃO

Meus filhos eu tive tudo em casa. Só fui pro hospital só de Damião mais Cosme, porque uns fizeram porcaria pra me matar. Mãe era quem fazia os partos meus. Foi mãe dos meu filhos tudinho e do meus netos quase tudo, de minha nora quase tudo. Ela era quem cuidava. Ainda tem gente aí, que nem compadre Dunga, foi o primeiro que ela fez o parto dele. Primeiro foi o compadre Dunga, mas aí tem muito! A minha mãe, eu vou dizer, ela pegou muita criança. E não tinha essa história de dizer assim: “é só os meus!” Não! Era toda hora que a pessoa chegasse, que procurasse, ela ia, porque é muita pessoa que ela pegou.

Eu nasci em quarenta e seis. Dia onze de fevereiro de quarenta e seis. Pois é, minha filha, foi sofrido. Mas graças a Deus!

Eu me casei com quinze anos. Fui orientada a benzer ele [meu esposo]. Porque ele bebia muito. Mas me judiar não, ele nunca me bateu, ele só teve carinho desde que nós casemos. Até hoje, pelo gosto dele, ele dorme com eu no braço. É desse jeito, ele tem um grande amor por a gente. Mas o povo dizia assim que é porque ele é dominado por mulher, dizia que eu vivia danada atrás dele, tanta coisa, né? Tanta da coisa! Mas tu sabe, quando as pessoas são unidas, as outras gostam de ligar a vida da gente. O tio dele tinha dois jumento, um chamado Calile e o outro Perninha, aí diziam apontando pra gente: “Calile mais Perninha já vão ali!” Dona Maria chamava eu e ele era casa de botão. Até hoje eu benzo ele.



LEVANTAR A BANDEIRA, FAZER A REZA

A senhora levanta a bandeira, porque Nossa Senhora recebe. Aonde ela estiver levantada Nossa Senhora recebe!

Comecei as minhas graças que a minha mãe deixou pra mim. Eu nunca gostei de história de festa, essas coisas, eu nunca gostei. Quando eu era moça, quando morria uma criança, o prazer meu era cantar aqueles benditos, a coisa mais linda! Eu acompanhava ali com aquele caixão, quando eu ia pra uma renovação. Hoje eu tô esquecida, mas foi muito bendito que eu aprendi. Mas foi de cor, e a gente vai ficando velha, vai se preocupando e aquilo ali vai passando, não é mesmo?

Minha mãe, uma vez passou um velhinho na casa dela, nós na Semana Santa, aí ele disse assim: “Dona Maria, levanta a bandeira na casa da senhora!” E ela disse: “Eu não sei rezar!”. E ele disse: “Esse velhinho a gente botava de comer pra ele, a gente via que ele comia e o de comer ficava no prato”. Então ele foi e disse assim: “A senhora levanta a bandeira, porque Nossa Senhora recebe. Aonde ela estiver levantada, Nossa Senhora recebe!” Então mãe levantou. Porque mãe ficava, rezava o terço e quando eu me casei, eu disse: “Mãe, como é que a gente reza o terço?” Ela me ensinou. Então foi as graças mais poderosas que a minha mãe deixou pra mim.

Me casei aqui pela manhã, eu bordando... Eu botei a foto. Comprei os pano dela tudinho branquinho, a camisinha que eu fazia, tudo era bordada! E os pano de prato sobrou igual a uns que tem aí, só desenhada, não tá coberta. “Vamos fechar! Amanhã é dia da Santa Cruz!” O que que eu fiz? Eu agarrei um lápis, agarrei folha de pinhão, fiz a cruz. Aí, quando acabou, usei um lápis pra fazer a bandeira. Levantei a bandeira!

Eu vendia cesta, umas cestinhas. Então mãe foi pro Juazeiro, ela comprou a lâmpada do santo, ela comprou o pano de fazer a toalha, ela trocou o coração de Jesus, o coração de Maria e a lâmpada.

Eu levantei a bandeira.

Quando foi no dia três de junho, eu digo: “Vou fazer minha reza.” Nós bem fracoelhos... Mas era uma riqueza tão grande! Às vezes tinha dia que a gente dormia sem jantar, porque não tinha o que jantar. Quando eu me casei, eu disse: “Meu filho, você sabe, eu não acho graça...” Porque ele era provado pra trabalhar, “eu não acho graça você sair pra trabalhar e quando acaba o que você compra... quer dizer, não dá nem pra semana”.

Eu era danada! Eu agarrava o feijão e comprava cinco quilos de feijão, pegava uma garrafa de feijão e escondia embaixo da cama pra quando chover eu plantar. Ele dizia: “Mas, minha filha, já acabou-se o legume, já acabou-se! Coisa comprada não rende não!” Então, quando ele ia cavar as covinhas de mandioca, eu botava minha menina pra ir semear com o bolso cheio de feijão. Quando ele botava fé, o feijão nascia: “Eh, mulher danada, tu não tá vendo que na serra não dá feijão?” Eu digo: “a gente pede a Deus, porque ele é desse jeito. A gente pede a Deus, aí colhe!” Todo mundo planta feijão agora aqui na Serra e de lá pra cá, ele disse assim: “Minha filha, tu tem coragem de sofrer um ano e meio mais eu?” - “Tenho! “Você trabalha meio dia na sua roça. Pegue um passarinho que eu boto no fogo, faça pirão e nós toma!” Ele era assim mesmo, comi um monte de pirão logo mais ele e meus filhos.

Meus filhos benzem também. O Brás, o Francisco, a Selma, Mocinha, Ciço também. Ele ensina remédio. Brás tira até reza de santo. Eu rezo só de criança, porque de outra coisa eu não entendo. É que nem eu digo: “Não foi Deus quem me deu pra rezar criança? A pessoa, se desse vontade e viesse pra minha casa, eu via e rezava até de noite, não é verdade?”

EU CUIDO DO MEU TERREIRO

Eu limpo dez roça ainda, eu cuido das minhas coisas, eu cuido dos meus terreiro, eu faço meu almoço e dou pra aqui, dou pra acolá! Eu não tenho inveja de homem nenhum pra trabalho, porque o meu pai foi o que me criou. Foi assim!

A minha vida hoje? Ô minha filha, eu faço muita coisa, porque eu não tenho quem me cuide nem me ajude aqui em nada. Minhas filhas, tudo longe, meus filhos, tudo longe! Tem esse do Crato que me ajuda demais. Eu tô com umas cabrinhas ali, eu limpo dez roças ainda, eu cuido das minhas coisas, eu cuido do meu terreiro, eu faço meu almoço e dou pra aqui, dou pra acolá! Eu não tenho inveja de homem nenhum pra trabalho, porque o meu pai foi quem me criou. Foi assim! O meu esposo também. O ramo deles é trabalhar ainda hoje. É arrastando as pernas, mas tá na luta!

Às vezes eu acordo cinco horas, às vezes acordo uma hora da madrugada, às vezes, às duas. É assim. Minha vida é assim. Quando amanhece o dia eu tenho o de comer. Eu pego um frango, compro uma carne, faço um feijão. Uma farinhazinha com feijão e um molhinho de uma galinha. Meu esposo só gosta de feijão e molho de carne. Outra coisa ele não quer.

Minha roça tá ali com um pedacinho de mato, que meu esposo tá muito fraco pra trabalhar. Essa é a coisa mais triste que tem. Essa semana eu vou ver se planto um pouquinho de feijão, mas meus filhos não querem de jeito nenhum! Lis não quer de jeito nenhum. É briga de foice pra não cuidar só dele [meu esposo]: “Mãe, qual é a idade de papai? Eu sei que a senhora tem maior do carinho, mas eu quero mais carinho que papai!” Eu tenho carinho mesmo, porque foi a cruz que Deus me deu e o meu compromisso.

AS GRAÇAS DE DEUS ELE É QUEM SABE QUANDO VEM

Meu altazinho é lá dentro. Quando eu sinto que a pessoa precisa mesmo eu levo até lá. Quando é de noite, quando chega criança. O padre ficou muito feliz e tem muita gente que diz que ficou feliz, graças a Deus!

Olha aí meu altar! Essa parede eu que fiz, de tijolo de barro, porque essas daqui ninguém não bota prego. É um sufoco! Então essa aqui eu tinha onde botar meus santos. É um prazer meu eu saber que tem as pessoas que entendem essa filha de Deus e de Nossa Senhora! Meus meninos, quando eu tô rezando, que tá a luz acesa, eles tiram foto do celular, lá de São Paulo!

Sou devota do meu Padinho Cícero. Mãe ia mais a gente. Eu só chego nos pés de Nosso Senhor, do meu Padre Cícero, minha Mãe das Dores, meu Padrinho Damião, Santo Expedito, que ele é um santo violento, não é? E ele vale a gente. Das causas urgentes. É verdade.

Se eu sou benzedeira ou rezadeira? Minha filha, é o que Deus quer! A gente não sabe dizer de nada. Um chama de rezador, de não sei quê... A graça de Deus ele é quem sabe quando vem!

Eu só rezo com ramo, não rezo com a mão não, só com um raminho somente. Qualquer mato! Dizer que aquelas graças, aquele matinho é quem tira aquelas coisas que a pessoa tem. Ele vai murchando. Se a pessoa reza, ele vai murchando, então já vai retirando, não é?

De Deus Nosso Senhor, vou pro pés do santo, acendo vela, que Nossa Senhora dê a saúde! Assim que eu faço. Eu não tenho outro jeito, minha filha. É fazer.



ensaio fotográfico

serra dos paus dóias
chapada do araripe



































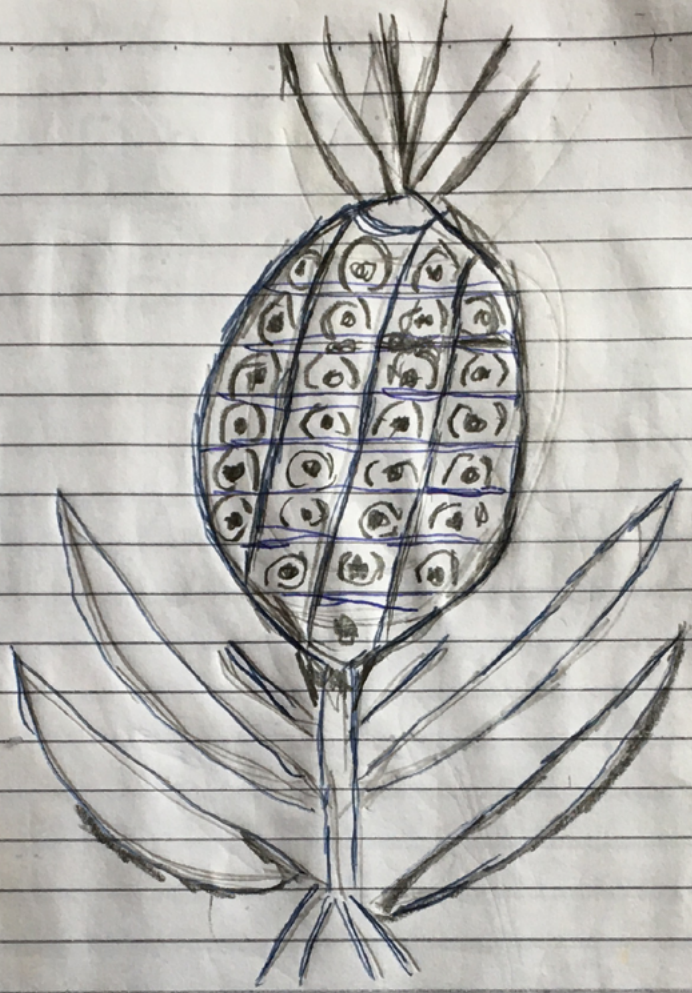












ABACAXI

MARIA DE LOURDES

SOUZADA SILVA



MATÉRIA . MATERIA :

Professor . Profesor :

Sala :

Provas
Exámenes

Data
Fecha

Faltas
Asistencias

Jan . Ene

Feb . Feb

Mar . Mar

Abr . Abr

Mai . May

Jun . Jun

Jul . Jul

Ago . Ago

Set . Sep

Out . Oct

Nov . Nov

Dez . Dic

O meu viver
é um pouco
triste e
amargura



MARIADELORAIMES

SOUZADA SILVA

BARATA
CORUJA
LARANJA
MANGA

CAVALO

CACHORRO

BOITA

BONECA









- COOPERAÇÃO MÍSTICA
- CONVIVÊNCIA E CUIDADO
- PLANO DE CIMA
- CONVIVÊNCIA E CUIDADO
- APRENDIZAGEM
- CURIOSIDADE
- CONVIVÊNCIA E PARTILHA
- CONVIVÊNCIA
- CONEXÃO
- CONVIVÊNCIA
- TROCA
- EQUILÍBRIO

- PLANEJAMENTO
- SEGUENCIAMENTO DE ATIVIDADES
- PRIORIZAÇÃO
- ACOMPANHAMENTO

- PARCERIAS
- DECIDA O LOCAL
- FUNDAÇÃO
- TETO
- PAREDES
- ELÉTRICA HIDRÁULICA
- REBOCO (Gesso + Fio)
- PISO
- SAQUEAMENTO
- MOBILIÁRIO
- DECORAÇÃO

- BAMBU
- PEDRA

CASA de VIVÊNCIA

- PROJETE O ESPAÇO PARA QUE ELE RESPONDA A OQUE ESTÁ
- PLANEJE AS UNIDADES PEÇAS
- DETERMINE / PENSE / PROTEJA / MANEJE
- USE A IMAGINAÇÃO E SEJA FLEXÍVEL AO CONSTRUIR O DESENHO
- ANALISE OS SEUS RECURSOS!
- PENSE REDONDO
- COMECE A RECOLHER O MATERIAL QUE VAI USAR
- PERMITA-SE TEMPO
- REFLITA SOBRE SUAS LIMITAÇÕES

- ESTAÇÕES
- 1) SALA DE RODA / VIVÊNCIA / FORTIO
 - 2) SALA DO TETO
 - 3) COMERCIALIZAÇÃO
 - 4) BANHEIRO
 - 5) CALÇADA COBERTA

- ARGILA
- BARRO
- CAPIM
- MADEIRA
- TIJOLO MANUAL
- CASA DE VIVÊNCIA

- CRONOGRAMA
- NOVEMBRO → PLANEJAMENTO
 - DEZEMBRO → PLANEJAMENTO
 - JANEIRO → EXECUÇÃO













referências

ALENCAR, Rívia Ryker Bandeira de (Org.). *Salvaguarda de bens registrados: patrimônio cultural do Brasil: apoio e fomento / coordenação e organização*. Brasília: IPHAN, 2017.

BONET, Octavio. Itineranças e malhas para pensar os itinerários de cuidado. A propósito de Tim Ingold. *Sociol. Antropol.* [online]. 2014, vol.4, n.2, pp.327-350.

CARVALHO, Ana (Org.). *Caderno de plantas e ervas medicinais das mulheres da Zona da Mata Norte*. Ed. Chã, 2021. Disponível em http://selvagemiciclo.com.br/wp-content/uploads/2021/08/PLANTAS-MEDICINAIS-DAS-MULHERES-DA-ZONA-DA-MATA-NORTE_caderno.pdf

DAS, Veena. *Affliction: health, disease, poverty*. New York: Fordham University Press, 256 pp, 2015.

DESPRET, Vinciane. O que diriam os animais se...1. *Caderno de leituras* n.45. 2016.

FEDERICI, Silvia. *Reencantando o mundo: feminismo e a política dos comuns / Silvia Federici; tradução de Coletivo Sycorax* - São Paulo: Elefante, 2022.

INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. São Paulo: Vozes, 2017.

MENENDEZ, Eduardo L. Modelos de atención de los padecimientos: de exclusiones teóricas y articulaciones prácticas. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 8 (1), 2003. p. 185-207.

_____. *Sujeitos, Saberes e Estruturas: uma introdução ao enfoque relacional no estudo da saúde coletiva*. São Paulo: Ed. HUCITEC, 200.

PINHEIRO, Marília Nepomuceno. SABER DA CAATINGA: O encontro e o desejo coletivo de salvaguardar saberes (Artigo). In: *Coletiva - Diversidade Socioambiental*. nº 19. Publicado em 29 março 2022. Disponível em: <https://www.coletiva.org/diversidade-socioambiental-n19-saber-caatinga-o-encontro-e-o-desejo-coletivo-marilia-nepomuceno>. ISSN 2179-1287.

PINHEIRO, Marília Nepomuceno. De Volta para Casa: uma etnobiografia de Dona Lica Xukuru. In: *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, Ano 25, 32(2): 339-350, 2021.

PIRES, Maria Jaidene; NEVES, Rita de Cássia Maria; FIALHO, Vânia. Saberes Tradicionais e Biomedicina: reflexões a partir da experiência dos Xukuru do Ororubá, PE. *Revista Antropológicas*, v. 27, n. 2, 2016.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista estudos históricos*, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

créditos

cosmonucleação regenerativa e encantamento no manejo de territórios tradicionais em pernambuco

realização

Chã - Coletiva da Terra

coordenação geral e técnica

Marília Nepomuceno

coordenação GRRIPP

Belen Desmasion

Clara Soto Aryas

Damaris Herrera Salazar

Louisa Acciari

Luis Henrique Valeriano

Maureen Fordham

Pablo Vega Centeno

produção

Ana Carvalho

Bella Xukuru

Clara Soto Aryas

Edite Sousa

Fabício Brugnago

Fernanda Lermen

Giuseppe Bandeira
Helena Tenderini
Iran Neves Ordônio Xukuru
Mariana Sobral
Maria Silvanete Benedito de Sousa Lermen
Marília Nepomuceno

articulação territorial

Bella Xukuru
Edite Sousa
Fabrício Brugnago
Fernanda de Sousa Lermen
Helena Tenderini
Iran Neves Ordônio Xukuru
Jeferson de Sousa Lermen
Maria Silvanete Benedito de Sousa Lermen
Pedro de Sousa Lermen
Vilmar Luiz Lermen

coordenação territorial

Helena Tenderini
Iran Neves Ordônio Xukuru
Maria Silvanete Benedito de Sousa Lermen

assessoria de imprensa

Giuseppe Bandeira

fomento

Prêmio UKRI Collective Fund 'Gender Responsive Resilience and Intersectionality in Policy and Practice (GRRIPP) - Networking Plus Partnering for Resilience' é financiado pelo Global Challenges Research Fund

apoio

Associação Kapi'wara Agroecologia Urbana
Agência Motyrõ

parceria

Instituto Abdalaziz de Moura (IAM)
Agrodóia - Associação de Agricultoras (es) Familiares da Serra dos Paus Dóias
Caxo Xukuru - Coletivo Caxo da Boa Vista
Sítio Malokambo

oficina de troca de saberes sobre bioconstrução e técnicas locais de construção

idealização

Daniel Guedes
João Pedro Moreira
Maria Silvanete Lermen
Marília Nepomuceno

oficineiras

Daniel Guedes
João Pedro Moreira

desenho

Ana Cristina Gonzaga Miranda
Maria Silvanete Lermen
Roseli Alexandre dos Santos

consultoria de projeto arquitetônico

Mariana Felipe

participantes da oficina

Daniel Dennis Araújo
Antônia Cristiana Cordeiro dos Santos
Maria Silvanete Benedito de Sousa Lermen
Maria Josanes Gonçalves Ferreira
Vilmar Luiz Lermen
Cícero Gonçalves da Silva

Edite Benedito de Souza
Pedro de Sousa Lermen
Atilane Domingos de Souza
Fernanda de Sousa Lermen
(as crianças)
Débora de Sousa Lermen
Havyllah Danielle Santos Araújo
Hyandra Rhayna Araújo

construção da casa de vivência

Amanda Kombihome
Ana Cristina Gonzaga Miranda
Antonio Cícero Costa
Catarina Gomes de Viveiro
Daniel Benedito de Souza
Débora de Sousa Lermen
Djanira da Silva
Edite Benedito de Souza
Fernanda de Sousa Lermen
Francisco Benedito de Souza
Francisco Carlos Gonçalves Barbosa
Gustavo Medeiros
Ledigina Brito Silva
Luiz Benedito de Souza
Maria Silvanete Benedito de Sousa Lermen
Marcos da Silva Sales
Paulo Sérgio
Pedro de Sousa Lermen
Raimundo César Soares
Valério Brito
Vilmar Luiz Lermen
Victor Buda Kombihome

o caderno as filhas da terra da serra dos paus dóias

coordenação editorial

Marília Nepomuceno

organização

Ana Carvalho
Giuseppe Bandeira
Mariana Sobral
Maria Silvanete Benedito de Sousa Lermen
Marília Nepomuceno

articuladora territorial

Maria Silvanete Benedito de Sousa Lermen

pesquisa em campo

Ana Carvalho
Giuseppe Bandeira
Mariana Sobral
Maria Silvanete Benedito de Sousa Lermen
Marília Nepomuceno

narradoras/es protagonistas

Francisco Carlos Gonçalves Barbosa
Josiana Gonçalves da Silva
Maria Lucélia Souza Silva
Maria de Jesus Souza Ferreira
Maria Silvanete Benedito de Sousa Lermen
Maria Ni Gonçalves da Silva
Moisés de Oliveira
Maria de Lourdes Souza da Silva
Maria de Souza Benedito
Maria Ferreira Gonçalves

sistematização, redação e edição

Ana Carvalho

Marília Nepomuceno

a partir dos depoimentos de

Francisco Carlos Gonçalves Barbosa

Josiana Gonçalves da Silva

Maria Lucélia Souza Silva

Maria de Jesus Souza Ferreira

Maria Silvanete Benedito de Sousa Lermen

Maria Ni Gonçalves da Silva

Moisés de Oliveira

Maria de Lourdes Souza da Silva

Maria de Souza Benedito

Maria Ferreira Gonçalves

interlúdio

Vânia Fialho

fotografias

Ana Carvalho

Giuseppe Bandeira

Marília Nepomuceno

fotografias adicionais (construção da casa de vivência)

Edite Benedito de Souza

Fernanda de Sousa Lermen

Gustavo Medeiros

ilustrações

Mariana Sobral

revisão de texto

Ana Carvalho

Marília Nepomuceno

projeto gráfico e diagramação

Ana Carvalho

transcrições

Diego Vinicius

agradecimentos

A energia que fomenta a publicação e caderno da Serra dos Paus-Dóias foi e é germinada como um gesto de agradecimento ao grande Saber da Caatinga e seu povo.

Agradecemos a energia de construção e regeneração que se desdobra por todos os lados da Chapada do Araripe, e a capacidade senciante que eclode de todas as plantas, animais, rochas, seres e pessoas humanas que fazem de seu modo de vida uma experiência genuína de regeneração do território.

Nosso profundo agradecimento segue portanto à existência, energia e contribuições feitas pelas mulheres de ontem, de hoje e do amanhã, produtoras de ciência e conhecimento da Serra dos Paus Dóias.

Índices para catálogo sistemático:

Projeto Cosmonucleação Regenerativa e Encantamento no Manejo de Territórios Tradicionais em Pernambuco CDD

Chã - Coletiva da Terra estimula a livre circulação deste texto. No caso de sua reprodução total ou parcial, sempre que for necessária, solicitamos que o documento “Cosmonucleação Regenerativa e Encantamento no Manejo de Territórios Tradicionais em Pernambuco - Caderno 02: “As filhas da terra da Serra dos Paus Dóias” seja citado como fonte.

As filhas da terra da Serra dos Paus Dóias - Caderno 02 [livro eletrônico] :
Cosmonucleação Regenerativa e Encantamento no Manejo de Territórios Tradicionais em Pernambuco
[Ana Carvalho, Giuseppe Bandeira, Maria Silvanete B. de Sousa Lermen, Mariana Sobral, Marília Nepomuceno Pinheiro: ilustrações Mariana Sobral]. - - Pernambuco: Chã, 2022.
PDF

ISBN

1. Cosmonucleação 2. Regeneração 3. As filhas da terra da Serra dos Paus Dóias 4. Projeto “Cosmonucleação Regenerativa e Encantamento no Manejo de Territórios Tradicionais em Pernambuco” I. Bandeira, Giuseppe. II. Carvalho, Ana. III. Lermen, Maria Silvanete B. de S. IV. Pinheiro, Marília Nepomuceno. V. Sobral, Mariana.
I. Editora Chã (Brasil). II. Título.

CDD



Fomento



Realização



Apoio



Parceria



